

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Curso de Dança - Licenciatura

Centro de Artes



Trabalho de Conclusão de Curso

SOMOS O PROCESSO DE UM PRODUTO INACABADO: COMO AS DISCIPLINAS DE AÇÃO E MOVIMENTO I E COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA I MOVIMENTAM AS MINHAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS NO CURSO DE DANÇA LICENCIATURA UFPEL ?

Ândrea Rodrigues da Silva

Pelotas, 2014

ÂNDREA RODRIGUES DA SILVA

SOMOS O PROCESSO DE UM PRODUTO INACABADO: COMO AS DISCIPLINAS DE AÇÃO E MOVIMENTO I E COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA I MOVIMENTAM AS MINHAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS NO CURSO DE DANÇA LICENCIATURA UFPEL?

Trabalho de Conclusão do Curso, desenvolvido no 8º semestre do Curso de Dança-Licenciatura da UFPel, como requisito obrigatório e parcial, para obtenção do título de licenciada em Dança, sob orientação da Profª. Mª.Alexandra Gonçalves Dias.

Orientadora: Mª. Alexandra Gonçalves Dias.

Pelotas

2014

Banca Examinadora:

Prof. M^a. Alexandra Dias (Orientadora)

Prof^a. M^a. Daniela Castro – Universidade Federal de Pelotas

Prof^a. Mônica Corrêa de Borba Barboza – Universidade Federal de Pelotas

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a minha mãe por incentivar a minha trajetória e dançá-la comigo, mesmo nos momentos em que teve dificuldades de apoiar minhas escolhas. Mãe, nós somos seres humanos, humanos são estranhos e movediços, mas meu amor por você é eterno.

À minha família em geral também agradeço. De uma forma ou de outra sempre aprendi com vocês, principalmente a me questionar e também a não fazer o que eu não queria.

Quero agradecer com o coração mais que aberto a minha segunda mãe, e aquela que me fez entender que o amor está para além de laços sanguíneos. Maria Inês Decio Almeida, obrigada por estar comigo todas as vezes que derramei lágrimas, obrigada por dançar cada incerteza comigo, obrigada por cada colo e ombro amigo, mesmo eu não sendo mais criança, me acolhesse, desse carinho e jamais me julgasse ou questionasse, apenas me deixasse chorar quando para mim isso que era preciso. E também agradeço seu esposo Moacir Almeida por muitas vezes reconhecer meu esforço e ter um carinho e admiração de pai para filha comigo.

Agradeço às irmãs de coração uma desde a infância Thaynara Andrade, e outra que a faculdade me presenteou Luana Arrieche, assim como também meu irmão Anderson Mateus, sem palavras, pela poesia diária, por escreverem cada capítulo comigo, pelas noites acordados, pelas lágrimas, pela risada nada contida, e por todo amor. Aprendemos quando amamos.

A minha segunda família que me acolheu e me fez sentir amada, Michelle Rosa Pereira e Cleidomar Santos por me compreenderem com apenas um olhar e me fazerem perceber todo dia o quanto eu era importante. Amor é amor e não explicamos jamais.

A minha marcante professora Márcia Loureiro por embalar minha trajetória, e me fazer por muitos momentos me sentir como uma estrela em todos os palcos que pude dançar viver e aprender. Essa frase marcou nossa história: O palco te pertence!

Aos professores do Curso de Dança – Licenciatura, principalmente aqueles que moveram a minha trajetória, pois eu tenho apreço por tudo que me desloca e move: Alexandra Dias, Daniela Aquino, Daniela Castro, Gustavo Duarte, Mônica Borba, Flávia Marchi Nascimento, Eleonora Santos, e Thiago Amorim, e também aqueles que não tiveram a oportunidade de ser meus professores.

Às minhas alunas do Projeto Dança Pelotas, pela intensa trajetória e por perceberem junto de mim que somos o processo de um produto inacabado. Um dia disse a vocês, que fui para ensinar e comecei a aprender. Obrigada, vocês foram presentes eternos, e minha prática docente só é bordada de poesia por ter

conhecido muitas de vocês, mulheres cheias de urgências e sonhos. Todas estão tatuadas na minha pele. E mais uma vez ao professor Gustavo Duarte pela oportunidade com este projeto que me fez entender-me como docente, e enquanto docente. Seus ensinamentos me foram inenarráveis. Eu jamais posso esquecer.

Agradeço aos irmãos de alma Carolina Pereira e Marcelo Pereira, por todas as risadas, e todo carinho. Vocês me acolhem e me sinto protegida próxima de vocês. Amo vocês, e acredito que o amor está na simplicidade, e no gesto.

Agradeço a Jaqueline Pradie, mesmo não estando de corpo presente nesta etapa, por ter me apresentado um novo mundo. Talvez também tenha me apresentado à sensação de ter uma pele vermelha, e de sentir a poesia desta mesma pele. Obrigada por fazer com que eu me perceba e por participar da minha cena, principalmente na construção de um dos trabalhos mais importantes da minha trajetória.

Daniela Aquino, professora-amiga, com a qual me percebi cena, jamais esqueço o brilho no seu olhar nas aulas, o seu entusiasmo e a forma simples e brincalhona com a qual se aproximavas de nós, alunos. Você é uma das pessoas que mais admiro, e mais me deixa emocionada quando fala com o corpo.

E não menos importante, mas no fim á minha orientadora Alexandra Dias. Obrigada, Alexandra, foste muito mais que essencial na minha trajetória performática. Hoje quando falo que me surpreendo comigo, recordo daquela menina da disciplina do primeiro semestre, que você tanto questionou. Agradeço-te por me cativar e pela nossa afinidade poética. Minhas memórias foram sempre coloridas e também rabiscadas com suas orientações. E ter você ao meu lado nesse momento mais que importante que é o final de um novo começo, me deixa orgulhosa de mim, me deixa extremamente feliz, e muito dançante.

Obrigada por sempre dançar comigo, cada instante que é efêmero mais é eterno. E como eu escrevi: De uma coisa não tenho dúvida, das minhas incertezas...Cada um de nós é vários. Admiro-te com grandeza!

E para encerrar agradeço á todos os meus colegas, outros amigos do curso de dança, e também de outros cursos mais próximos, quero escrever/dizer aqui que todos vocês me ensinaram muito, claro alguns eu levarei por toda a minha trajetória, admiro, e danço, e outros eu aprendi que eu não quero sequer ser parecida. Desejo verdade, o amor só se constrói através dela.

Ah, tivessem lhe escrito mais, e ela teria muitos papéis e teria onde procurar. Mas sua vida ordenada era exposta, tinha poucos esconderijos, era limpa. Na sua casa o único esconderijo era ela mesma. Mas que felicidade ter moveis, caixas onde encontrar por acaso. Tinha aonde procurar indefinidamente.

Clarice Lispector

Resumo.

RODRIGUES, Ândrea Silva. Somos o processo de um produto inacabado: Como as disciplinas de Ação e Movimento I e Composição Coreográfica I movimentam as minhas práticas artísticas no Curso de Dança Licenciatura UFPEL? 2014. Curso de Dança – Licenciatura. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

O presente trabalho apresenta a minha trajetória como bailarina e também performer, no período anterior ao ingresso na universidade e após o ingresso no Curso de Dança – Licenciatura UFPel. Se atentando com mais ênfase as disciplinas de Ação e Movimento I, do primeiro semestre e Composição Coreográfica I do terceiro semestre do Curso de Dança. O período na universidade me fez questionar quem era este corpo, e como o espaço com o qual me relaciono me modifica, gerando assim transformações na minha vida, nos meus processos como bailarina/performer e também não desvinculando da minha prática pedagógica. Também fez com que eu pudesse perceber a mim mesma enquanto artista-criadora. Todas as experiências que vivi me fizeram construir uma nova casa, que chamarei de casa/corpo, todas as vezes que o trabalho se debruça sobre o conceito de casa/corpo quero que o leitor entenda essa casa como nosso corpo, nosso primeiro lar, no qual ocorrem mudanças, mas a casa estará sempre ali, viva. E todas as minhas experiências na universidade que chamarei de cidade/universidade me fizeram ter a incerteza de que somos um processo inacabado. O trabalho se debruça sobre uma pesquisa em arte, e inspirado em um processo autobiográfico, com metodologia qualitativa, na qual tive como instrumentos, o diário de processo das disciplinas com as quais me utilizei para realização do trabalho, análises de vídeo de uma coreografia anterior ao ingresso no curso para perceber as mudanças que foram geradas nessa casa/corpo. O trabalho também apresenta uma obra artística que questiona e move este corpo, está casa e exclama que somos a continuidade de nossas escritas.

Palavras-chave: Casa/corpo. Cidade/Universidade. Escrita/Movimento. Transformação/Ação.

Resumen.

RODRIGUES, Andrea Silva. Somos el proceso de un producto inacabado: A medida que las disciplinas del Movimiento de Acción y Composición Coreográfica I y muevo mis prácticas artísticas en Danza Curso Bachelor UFPEL? . 2014 Curso de Danza - Licenciatura. Universidad Federal de Pelotas, Pelotas.

En este trabajo se presenta mi carrera como bailarina e intérprete también, antes de asistir al período de la universidad y después de inscribirse en el Curso de Danza - Licenciatura UFPEL. Prestar atención con mayor énfasis a las disciplinas de Acción y Movimiento I, la primera mitad y yo Composición Coreográfica del tercer semestre de la danza. El período en la universidad me hizo cuestionarme quién era este cuerpo, y cómo el espacio con el que me relaciono me cambia, lo que genera cambios en mi vida, en mis procesos como bailarina / intérprete y también no desvincular mi práctica docente. También significó que pude ver a mí mismo como un artista-creador. Todas las experiencias que viví me hizo construir una casa nueva, voy a llamar a casa / cuerpo, a veces todo este trabajo se centra en el concepto de hogar / body que quiere que el lector entienda esta casa como nuestro cuerpo, nuestra primera casa en que se producen cambios, pero la casa siempre estará ahí, vivo. Y todas mis experiencias en la universidad voy a llamar a la ciudad / universidad me hizo tener la incertidumbre de que somos un proceso inacabado. El trabajo se centra en la investigación en el arte, e inspirado por un proceso autobiográfico con metodología cualitativa, que tuvo como instrumentos, el proceso diario de disciplinas que he utilizado para la realización de la obra, análisis de vídeo de una coreografía anterior para inscribirse en un curso para dar cuenta de los cambios que se han generado en esta casa / cuerpo. El documento también presenta una obra artística que las preguntas y mueve este cuerpo, es el hogar y exclama que seguimos nuestros escritos.

Palabras clave: Inicio / cuerpo. Ciudad / Universidad. Redacción / Movimiento. Transformación / Acción.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- "Imagem presente"	2
Figura 2- A cortina vermelha	2
Figura 3- O vento na pele	2
Figura 4- Solo Memórias da Pele	2
Figura 5- Solo Memórias da Pele (imagem 2)	2
Figura 6- Memórias da Pele na praça.....	2
Figura 7- Memórias na Pele na Praça (imagem 2)	2

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: O ontem e o hoje... Um retrato da pesquisa.....	11
2	A CASA – PORTA ENTRE ABERTA.....	15
2.1	TRANSITO PROFESSOR-ARTISTA.....	16
2.2	A SALA DA MINHA CASA... O CENTRO DO CORPO!.....	18
2.3	MAS A VERDADE É QUE NÃO CONSTRUÍMOS PRÉDIOS SOZINHOS.....	22
2.4	SER ARTISTA É DESORGANIZAR E ISSO DÓI.....	24
3	QUEM SOU EU NO VÍDEO?.....	27
4	O HOJE... OS BORRÕES NA MINHA PELE COMEÇARAM EM 2010. COMO EU LIDO COM O INESPERADO.....	29
4.1	TE SUBSCREVO, SUBSCREVO-ME!.....	35
4.2	COMO SERIA SE NÃO FOSSE.....	47
5	AS CONSIDERAÇÕES SEM O INTUITO DE CONCLUIR, FAÇAMOS UM NOVO COMEÇO.....	54

1. Introdução:

O Ontem e o hoje... Um retrato da pesquisa

O presente trabalho para conclusão de curso debruça-se sobre um olhar dançável e aprofundado para com a minha trajetória no universo da dança, bem como as transformações decorrentes no período de minha graduação no Curso de Dança – Licenciatura UFPel.

A escolha de fazer um trabalho com inspiração autobiográfica acontece junto ao desejo de perceber o quanto a minha prática está vinculada aos meus processos de leituras e escritas, e também identificar o quanto a experiência com o Curso de Dança contribui para uma prática corporal, e portanto, pedagógica. Penso a partir do questionamento “a minha prática informa a sua prática” (HAY apud DIAS, 2009:17), assim sendo, todas as minhas vivências enquanto discentes se manifestam na minha prática docente.

O trabalho com o tema: “Somos o processo de um produto inacabado”, e com o problema de pesquisa: “Como as disciplinas de Ação e Movimento I, e Composição Coreográfica I movimentam a minha prática artística no Curso de Dança Licenciatura UFPel?” questiona este corpo, anteriormente ao ingresso na universidade e durante as etapas da graduação. Também me atento à uma análise de movimento a partir de Rudolf Laban, que será melhor explicitada no decorrer do texto. As disciplinas de Ação e Movimento I e Composição Coreográfica I são mais as enfatizadas para a realização desse trabalho, mas também revisito a disciplina de Análise do Movimento I, para desenvolver as análises de movimentos a partir dos estudos de Laban.

O objetivo principal deste trabalho não seria comparar os meus processos anteriores ao ingresso na universidade e no presente momento, ainda no curso, mas sim, investigar o que movimenta e assim, modifica a minha prática enquanto bailarina, artista, professora e também pesquisadora em diferentes momentos da minha trajetória.

O processo é inacabado, fluente e se transforma. Juntamente ao trabalho escrito, apresento como escolha fazer um trabalho artístico com o qual dialogarei em cena estes momentos vividos durante a graduação, e como eu os organizei, dancei, compreendi, e o quanto me reformei.

O que acontece na realidade é o oposto: encontrar uma metodologia de trabalho que ajude a expressar o que se quer, da forma como se quer, e manter o espírito investigativo e sistemático são maneiras de aprofundar e enriquecer a obra ampliando a sensibilidade e a qualidade de processo criativo. (CATTANI, 2002:39)

O trabalho discorre como uma pesquisa qualitativa, que segundo Oliveira apud OLIVEIRA *apud* MINAYO (2001) abrange os fenômenos que não podem ser diminuídos a operacionalização de variáveis, com embasamento teórico - prático nas trajetórias de vida. Também me debruço sobre um olhar dançante para com a minha trajetória, visto que falar/dançar é recontar histórias ao mundo.

Debruço-me sobre uma Pesquisa em Artes (LANCRI,2002; CATTANI,2002) que se interessa por uma escrita poética, e que faz relações do espaço da casa que vivi desde meu primeiro ano de idade até hoje, e do que chamo de casa/corpo, também escrevo de forma que busco levar ao leitor revisitar este corpo, como se estivesse modificando, alterando os moveis de sua casa, pensando agora que estes móveis são também as partes do seu próprio corpo.

Para realização deste trabalho também me utilizo dos meus diários de processo das disciplinas de Ação e Movimento I, Composição Coreográfica I, e também minhas escritas durante este trabalho de conclusão de curso. O diário de processo foi de extrema importância para revisitar instantes que vivenciei durante a graduação.

Faço uma crescente e a cada capítulo é como se eu tivesse outra idade, fosse amadurecendo, uma linha do tempo de certa forma. Recordo desde meus primeiros passos, que chamarei de primeiros movimentos, e a relação destes primeiros movimentos com a minha forma de mover-me até hoje.

Escrevo...dançando sobre o meu processo artístico, e as decisões do que eu tinha e o que não tinha no momento de dançar esse solo que tive grande dificuldade de escolher o título, que fez parte dos meus dias, das minhas manhãs, das minhas caminhadas, mesmo fora da sala de ensaio. Eu ensaiava o tempo todo.

Ensaiei para realização desse solo três vezes por semana em média quatro horas por dia, no qual me detive a experimentações no primeiro mês e após pude ir bordando este processo para então apresentá-lo da forma mais entregue no dia da minha defesa. No capítulo “Como seria se não fosse” escrevo sobre este momento, e sobre a importância de trazer um trabalho artístico junto ao trabalho escrito.

Teço motivações para seguir meu trabalho com dança após a graduação, e recordo de todas as vivências que adquiri com o ingresso no curso, e quando falo sobre mim, falo também sobre todos os professores, colegas, amigos, disciplinas, espaços, experiências, todas as coisas que me construíram que fizeram de mim um novo lar, sem esquecer a estrutura da minha casa/corpo anterior.

As autoras que dão suporte geral para esta pesquisa são: Cássia Navas, Lenora Lobo, Jussara Miller, Lygia Clark, Sandra Rey, Sayonnara Pereira, Pina Bausch, Clarice Lispector, Martha Medeiros, Isabel Marques, Thérèse Bertherat,

Iclea Barboza Cattai, Jean Lancri e Klauss Vianna, estes autores me complementam e me ajudam a dialogar durante os meus capítulos em geral, eles aparecem como base nos meus capítulos e darão suporte a minha escrita poética e por vezes metafórica.

Falar/dançar sobre mim é também olhar para minha prática enquanto professora, é atentar-se ao espaço com o qual irei me relacionar, podendo este ser a escola, a academia, um grupo independente, ou até mesmo a rua. Tal prática se modifica, e se atravessa, e o que eu me permito vivenciar como artista me dará subsídio para ter a sensibilidade e compreensão de perceber e tocar o meu aluno, e não apenas ele, mas o ser humano em geral, estamos no universo, e dançamos com o mundo.

A preferência por um trabalho autobiográfico me faz sujeito e objeto desta pesquisa e por instantes, irei narrar meus processos e recontar a própria história, embasada e embalada pela memória, o retrato, o cheiro, e pela casa/corpo que também amplia o conceito no desenvolvimento deste trabalho.

Falar das próprias experiências é de certa maneira contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais que se atribui ao que é vivido na continuidade temporal de nosso ser. (JOSSO,2014:48)

A estrutura do trabalho está dividida entre etapas que recontam o ontem e o presente com o qual me relaciono. Os capítulos estão estruturados da seguinte forma: O Ontem...O hoje...e o solo Como seria se não fosse, e aqui também explico meus sub-capítulos que foram importantes para o discorrer da pesquisa.

O ontem e hoje... Um retrato da pesquisa! Uma breve apresentação ao leitor, uma introdução que já irá dizer por quais espaços o leitor irá circular. ,

A Casa – Porta entre aberta. Um retorno ao que chamo de primeiros movimentos da minha infância, uma memória da minha casa, e o desejo de escrever sobre mim neste trabalho de conclusão de curso.

Transito professor-artista. A minha relação com a escola, como me senti o ter vontade o quanto questionava desde pequena este espaço que me fez então tecer vontade de observar também o comportamento do outro, e sua forma de mover-se.

A sala da minha casa... O centro do corpo! Os momentos que marcaram a minha infância e a relação do corpo com o espaço da minha sala, também revisito os momentos mais marcantes com a minha mãe, pai e minha irmã, e reconto meus primeiros movimentos dançados a partir desse cenário.

Mas a verdade é que não construímos prédios sozinhos... Descrevo, reescrevo e danço os meus passos com o gênero de dança Jazz na academia Estúdio Unidança de Pelotas, com a professora Márcia Loureiro com a qual dividi uma experiência de aproximadamente dez anos. Também faço um processo de revisitar os momentos que dancei jazz e como isso foi administrado no meu ingresso no curso.

Ser artista é desorganizar e isso dói. Eu poderia dizer o transito artista-artista e como essas mudanças são difíceis por vezes. Como re-dançar aquela dança? Como fazer de outro jeito, como esquecer tudo para lembrar de um pouco. Como desapegar para apegar-se de outra maneira.

Quem sou eu no vídeo? A análise de vídeo a partir de um processo coreográfico anterior ao ingresso no curso. A escolha de uma coreografia dançada na academia Estúdio Unidança, e a orientação de rever essa coreografia no vídeo, me rever e como foi esse processo visual.

O hoje... os borrões na minha pele começaram em 2010. O ingresso no curso.

Como eu lido com o inesperado... O período na disciplina de Ação e Movimento I, e como meu corpo reagiu a essa primeira e imediata mudança, de alguma forma escrevo que meu prédio, minha casa/corpo perdeu algumas telhas, mas ganhou novas paredes.

Te subscrevo, subscrevo-me! A disciplina de Composição Coreográfica I, e o encontro comigo no espelho, um dos momentos mais belos, porém mais difíceis. Eu não fujo de mim, mas me pergunto: Cadê eu?

Nessa etapa sou dançada pelos embalos de um amor, não sei o primeiro, mas o único. De forma poética escolho dançar e escrever sobre as nossas incertezas, nossos amores e nossas fraquezas.

Como seria se não fosse... O trabalho artístico desenvolvido durante o processo das escritas do trabalho de conclusão de curso, meus questionamentos continuam e então me debruço sobre a poesia e com o corpo resolvo contar para vocês como foi esse período na cidade/universidade, e de alguma forma convido o leitor a se deslocar comigo nesse processo de ser, e de se não fosse.

As considerações sem o intuito de concluir, façamos um novo começo. Meus planos, objetivos, minha dança tatuada e jamais acabada. O que me alimenta e me aproxima de mim, sendo assim do outro.

A universidade, essa nova cidade que começo a habitar, com um pouco de medo, mas bastante curiosa, e com vontade de me debruçar sobre esse novo desafio, como escrevo sobre isso hoje.

O trabalho de conclusão não está distante de uma prática artística, pois acredito que um acontecimento complementa o outro, e eu não fragmentaria as palavras escritas das escritas com o corpo, pois isso faria com que eu me sentisse metade. Quantas vezes interrogamos a exclamação, e milhares de vezes nos utilizamos de pontos finais quando o que está ao nosso lado são as reticências poéticas.

Então os convido a completarem-se comigo!

2. A casa – Porta entre aberta

Para dar início a algo é sempre necessário recordar alguns outros meios . O começo é sempre bordado de expectativas, e nós por vezes temos o costume de predestinar. Neste momento vou falar para mim mesma. Não sei se chamaria essa etapa de recontar o conto ou de vasculhar a minha história. Trata-se de um percurso um pouco confuso, pois por vezes temos vontade de apagar instantes, mas jamais podemos esquecer que é deles que nos constituímos e construímos.

Nenhuma casa nasce pronta, é preciso tempo e espaço. Também existem várias casas, nós não jogamos os tijolos ou as madeiras, existe o percurso e o processo. E mesmo “prontos” passamos por diversas reformas, cada reforma nos torna diferente, mas a estrutura da casa está ali, viva!

Neste instante, esteja você onde estiver, há uma casa com o seu nome. Você é o único proprietário, mas faz tempo que perdeu as chaves, por isso fica de fora só vendo a fachada. Não chega a morar nela. Essa casa teto que abriga suas recônditas e reprimidas lembranças é o seu corpo. (BERTHERAT, 2010:1)

O problema de pesquisa escolhido na disciplina de Projeto em Dança I, no sétimo semestre do curso, com o título, nasce do desejo de fazer uma investigação dos meus processos em Dança, e das transformações geradas a partir do ingresso no curso de Dança-Licenciatura.

Não conseguindo dissociar a teoria da prática, escolho também fazer um trabalho artístico no qual irei primeiramente criar um solo baseado nas mesmas intenções de movimentos do trabalho que dancei no período de 2008 a 2010, com o título Malemolência, baseado no gênero de dança Jazz, na academia Estúdio Unidança de Pelotas.

Percebo que eu não conseguiria responder tal questionamento sem um trabalho artístico. Acredito que o espaço da graduação nos coloca em pequenos testes, e inúmeras vezes não sabemos para onde ir e por que vamos. Quando escolhemos um curso de Arte deveríamos estar um tanto quanto cientes de que estaríamos atravessando situações movediças, e que por instantes os corpos perdem o equilíbrio físico e psíquico-emocional. As relações são distintas e é como se este corpo que ingressa estivesse inserido em uma nova fase.

Mas como derrubar prédios sem antes serem construídos? Para tal questionamento me debruço sobre as referências de que tratam do conceito de casa corpo.

O corpo é também nossa primeira casa, nosso lar de entendimento e de questões (Clark *apud* Justino, 2011:5). O corpo, casa pré-fabricada, uma extensa profundidade, onde somos movidos por impulsos e por desejos. Considero que toda obra é por si só em alguma medida autobiográfica, todo artista cria e reflete a partir dos seus estranhamentos, sendo assim, de momentos da sua vida. Percebo portanto, que o curso de

dança me ajudou a compreender e questionar a partir não só da escrita, mas também do movimento, tornando minha prática unida aos processos pedagógicos, aos processos pessoais e aos processos do mundo. Por que falar da dança sozinha? Não posso entender por que o mundo não é incluído. (BAUSCH *apud* FERNANDES, 2007:140)

Ao escolher um trabalho com inspiração autobiográfica, escolho também utilizar de uma escrita poética. Por momentos narrarei meus processos de construção e desconstrução como bailarina, e como professora. Acredito que todas as experiências que tive como bailarina foram importantes para este meu fazer e pensar pedagógico. Me fez questionar a Ândrea professora, como seria, e a Ândrea artista-criadora, e em todos os questionamentos que traço sobre a escola e meus professores, penso que o ingresso no curso me possibilitou pensar a docência como uma porta na qual eu não gostaria de adentrar com algumas experiências que vivenciei no período escolar. Tudo que observei enquanto discente me fazem construir minha prática docente. Do mesmo modo, penso que nem todo bailarino pode tornar-se um bom professor, e então me questiono que talvez a diferença esteja no modo como faço, e não no que faço com a minha prática. A partir do que aprendo assim me torno bailarina e professora, toda a minha experiência será direcionada a minha prática docente.

2.1 Trânsito artista - professor

Percebi que gostaria de ser professora quando em um dia na sala de aula, no terceiro ano do Ensino Fundamental, a professora perguntou para a turma o que nós faríamos quando nos tornássemos adultos? Primeiramente pensei: Por que eu havia de me tornar adulta para fazer algo? Sei que talvez eu não tenha entendido a questão, e também pude notar que meus colegas sempre falavam algo que tinha proximidade com o que os seus pais já trabalhavam, ou logo diziam que queriam fazer medicina.

Notava em mim, já na escola, uma grande dificuldade de responder algumas questões. Nunca gostei das perguntas que já estabelecem respostas imediatas, por vezes, parece que o professor pergunta e responde por você. Mas comigo não era assim, e normalmente eu respondia por último, pois ficava na tentativa de organizar uma resposta agradável e que combinasse com o que eu achava que ameigaria a professora. Mas no fim, não seguia a minha tentativa, e deixava a minha resposta falar, eu falava apenas o que eu queria dizer, e esquecia o olhar dos outros e o que minha professora iria achar.

Chegada a minha vez, respondi que queria trabalhar com pessoas e que gostaria que elas se movimentassem, pois eu gostava de coisas que me faziam bem por dentro, e queria que as pessoas sentissem o mesmo. Minha professora, me olhando com os olhos arregalados, disse-me que isso não era profissão. Eu respondi de forma exata e imediatamente assim: Para mim é o que eu escolhi apenas isso, nada mais. Meus colegas disseram que não me entenderam, e me

recordo da professora chamar a minha mãe à escola, para perguntar se eu era filha única, pois sempre que eu respondia a algo me referia a mim em primeiro plano, e não ao outro. Minha mãe lhe respondeu que se a pergunta foi feita por ela e dirigida para mim, ela não poderia esperar que eu, uma criança, respondesse como ela imaginava, e sim como eu pensava, e que se os outros alunos responderam o que ela queria tudo bem, mas cada pessoa é única.

Acho que nessa etapa da minha vida começou o meu desejo por sempre observar o movimento do outro e a forma de como os espaços nos restringem ou nos transbordam. Talvez fora da escola aquelas crianças se portassem de formas diferentes, ou mais livres, no sentido de desprovidas de elaborar algo no qual, nessa idade, muitos de nós nem pensamos. As pessoas falam em ser, com o intuito de ter, mas desde que nascemos já somos, o ser não está vinculado apenas a um modelo ideal, uma profissão, o ser é construído conforme nossos desejos e inquietações.

Penso que é este o papel do professor, questionar e causar estranhamento ao aluno, mover, tirar da classe, esquecer por vezes o quadro, escrever com o corpo. Reflito que quem sabe desde muito nova eu já tenha tido este desejo de escrever sobre mim e para mim, por mais confuso que tenha sido. Eu não escolheria diferente, e quando optei por um trabalho autobiográfico, senti o mesmo acontecimento, eu poderia falar de um gênero de dança em específico, de uma disciplina, de um grupo de dança bem reconhecido, mas imaginei outro projeto, e nesse estarão muitas das minhas experiências.

Quando penso em responder o porquê da importância de escrever a minha trajetória, reflito também que talvez as palavras não deem conta de dizer, e que por isso não desvinculo o trabalho artístico e começo a compreender que a pesquisa científica não precisa estar dissociada da Arte. LANCRI, (2002) E talvez eu não saiba por vezes por onde começar, mas de alguma forma o fluxo e o percurso me farão chegar ao meio. CATTANI (2002).

Eis, pois, o que digo a todo estudante que me faz esta pergunta. Por onde começar? Muito simplesmente pelo meio. É no meio que convém fazer a entrada em seu assunto. De onde partir? Do meio de uma prática, de uma vida, de um saber, de uma ignorância. Do meio desta ignorância que é bom buscar no amago do que se crê saber melhor. (...) Ver-se-á logo, de outra parte, que, no lado certo dessa entrada, para arranjar-se pelo meio, a apologia da posição mediana é uma das constantes de minhas modestas proposições. (LANCRI, 2002: 18)

Penso que a Arte é um infinito questionamento, e a Dança se insere quando desafia seus corpos através do desejo, da curiosidade, da busca e da escuta de um corpo que se move, se modifica a cada instante. De um processo considerado fluente e inacabado. Somos o processo de um produto inacabado.

Uma visão de pesquisa acadêmica por vezes pode nos engessar e nos tornar tão mecânicos, sempre à procura de resultados e por vezes numerações. Não escrevo na tentativa de dizer que isso está certo ou errado, mas sim, pelo simples

fato de que quando falo de pesquisa *em arte*, penso na subjetividade, no que é móvel, na imprevisibilidade, nas questões e nos desejos, nas reformas, e no corpo. Lanci (2002) A arte necessita contar com os corpos instantes. Como se prever o amanhã se está no hoje? E por que essa subjetivação pode por vezes ser interpretada como algo descompromissado?

Mas pensemos, o produto é a pintura da tela branca, mas para termos um produto precisamos nos ater ao processo e as experiências. Durante o processo nos alimentamos de nossas inquietudes e consumimos nossos desejos. Segundo Josso (2009) a experiência consiste em perceber o que se passa em nós, ou na situação na qual estamos implicados, pela nossa simples presença.

A pesquisa em arte e a pesquisa sobre arte necessitam de parâmetros científicos e metodológicos que as norteiem, sobretudo no âmbito da universidade. Mas esses parâmetros estruturam a reflexão, sem tirar seus componentes básicos de paixão, prazer e criação. Pelo contrário, lidar com o arcabouço metodológico poderá permitir que a invenção conviva com a clareza e o rigor, necessários à produção e a transmissão de conhecimento. (CATTANI, 2002:49)

Cada uma de nossas escolhas, por vezes, irá nos confrontar e nos modificar ao mesmo tempo. Todo confronto gera ações e movimentos, eu chamaria isso de novos movimentos, no sentido de novas percepções e descobertas, quando nos modificamos encontramos novas possibilidades.

É como quando esvaziamos uma peça de nossa casa, ou quando enchemos mais essa mesma peça, quando passarmos por esse espaço novamente nosso corpo estará diferente, nós estaremos diferentes, e assim nos movimentamos de outra maneira. Nós também somos o espaço com o qual nos relacionamos, nós modificamos e somos mexidos por este mesmo espaço, seja pela bagunça, pela reforma, pelo visual, ou pela organização.

2.2 A sala da minha casa... O centro do corpo!

Para trazer a mim mesma a essas escritas, precisei lembrar-me bem pequena. E então após a provocação da minha orientadora Alexandra Dias, no dia 24 de março, onde ela me instiga a mover a minha trajetória e recordar/buscar as pessoas que coloriram as minhas andanças, a partir de imagens, de cores que eu gostava, de lugares que eu costumava ir, das lembranças da infância e momentos marcantes. Resolvi primeiramente sentar próxima a um lugar que eu gosto muito e refletir. Este lugar é a sala da minha casa.

“Se as paredes ouvissem...” Na casa que é o seu corpo, elas ouvem. As paredes que tudo ouviram e nada esqueceram são os músculos.” (BERTHERAT, 2002:1)

Quando eu tinha por volta de cinco anos gostava muito do sol da tarde, e sempre me perguntava por que ele por dias era amarelo, e por outros era vermelho, a meu ver. Sentava com a cadeira próxima da janela, minha mãe não deixava me aproximar muito, pois eu estava no quarto andar, e era perigoso. Mas ali eu estava, acho que era o momento que eu ficava mais quieta por fora, mas tudo se movia por dentro. Quando o sol ia se pondo eu pedia para jogar as pontas dos meus cabelos para fora da janela, e dizia que o movimento do sol os faria trocar de cor. Minha mãe sorria e dizia que só a camomila trocava a cor dos meus cabelos. Ela não entendia este movimento, mas ficava ali comigo, e sempre dizia: Nossa, seu cabelo mudou mesmo. E eu sorria!

Recordo-me também da minha mãe dividindo o que cada uma de nós iríamos fazer, minha irmã mais velha e eu. E como sempre fui muito organizada, ficava apenas com a tarefa de reorganizar os enfeites, e os moveis da sala, e também arrumar as gavetas do guarda roupa. Meu pai colocava uma música em volume baixo, normalmente era MPB e eu e minha irmã começávamos a organização. Enquanto eu arrumava a sala também dançava, trocar os enfeites e os móveis de lugar me trazia energia, e parecia que minha casa trocava também de cor. O espaço, que antes parecia menor, se expandia, meu pai chamava isso de aconchego, essa sensação de trocar de lugar, modificar, eu com palavras nada dizia, só me mexia muito!

Enquanto eu modificava esse espaço, eu também me modificava, pulava de um lado para outro, tinha a impressão de que minha sala virava uma galeria de arte. As paredes estavam rodeadas de fotos nossas, minhas e de minha irmã, e toda imagem nesse devido instante parecia mover-se, por momentos eu também esquecia a música, parecia concentrada no ambiente e meu corpo se expandia. Eu já não parecia ter cinco anos, me tornava gigante, e poderia alcançar aquele sol da tardinha, que seria capaz então de modificar as pontas dos meus cabelos.

Quando percebia estar em meio ao movimento e a bagunça que o espaço ficava nesse exercício de troca me sentia como se eu estivesse rodeada de memórias naquelas imagens. Mesmo já conhecendo o espaço da minha casa desde meu primeiro ano de idade, trocar os móveis me fazia bem, e eu podia dançar, girar, soltar o corpo, cair sem me machucar, rolar, e sorrir, gritar. Nesse momento eu não precisava de respostas imediatas, não havia pessoas a espera do que iria dizer, eu estava falando coisas, estava com o movimento, estava experimentando. Ali também não havia platéia, apenas minha família, com a qual eu não sentia vergonha, nem medo, eu era uma criança, e meu desejo nesse instante era o de sentir, com os móveis, pelos móveis, e com a organização desorganizada da casa.

Nas crianças, a expressão artística, equivale a um experimento direto. Conquanto ocorra na área do sensível, o fazer não se coloca para a criança num plano diferente de qualquer outra experiência de vida – apenas é feita com materiais que por nós são “artísticos.” Assim, a tensão psíquica

corresponde á experiência, a criança extravasa no momento da ação.
(OSTROWER, 2009:74)

Quando chegava a parte de arrumar as gavetas do guarda roupa eu sempre me sentia mais parada, aquele movimento parecia se acalmar, meu corpo já não se expandia tanto. Logo então eu abria primeiro o guarda roupa, observava um tempo minhas roupas todas encaixadas em ordem, normalmente separadas por cores, sempre muito rosa e vermelho, ali estava tudo arrumado, só que para mim faltava movimento, mas eu não desarrumava, mesmo que esse fosse meu desejo. Quando abria minha gaveta não tinha vontade de organizar, aquelas meias coloridas uma de cada lado, sem por vezes eu achar o mesmo par. A sensação de olhar para o colorido me causava encanto, eu até separava as meias, mas quando minha mãe ia olhar estavam sempre sem pares. Eu achava estranho a organização das cores, e o por que delas, mas minha mãe deixava, e então minha gaveta era assim, feito uma tela colorida onde não havia espaços para combinações, só as minhas, as que eu imaginava.

Sempre escutei que eu dançava já na barriga da minha mãe, onde estava de costas, de pernas afastadas e nunca descobriram se era um menino ou menina, me mexia muito e precisei de muito espaço. Com essas características que escuto desde bebê, bem pequena me apresentaram a Dança. Não assisti na televisão, nem fui ao teatro, escolheram me levar na aula experimental, para ver se eu gostava. Essa aula experimental todas as academias de dança de Pelotas oferecem para todas as idades, públicos e gêneros de dança procurados. Está aula experimental foi na academia Estimulo de Pelotas.

Meus pais escolheram a dança também para ver se me eu adaptava. Não gosto dessa palavra 'adaptar', mas era o que me diziam, pois como ficava muito tempo sozinha e não convivia com outras crianças. Era interessante a interação, e também o envolvimento que eu já tinha com a dança desde muito cedo. Minha turma tinha entre seis a dez meninas, eu observava tudo, não me sentia bem estando vestida como elas, e me irritava a dor na cabeça que o coque e aqueles grampos me causavam, mas eu entendia, eu estava em grupo, e isso se chamava disciplina, e naquele momento não era hora de jogar as pontas dos meus cabelos na janela, e nem de usar uma meia de cada cor. Nesse instante eu me aproximava do meu guarda roupa, o rosa e o vermelho estavam encaixados, e eu não podia bagunçar, eu observava e ficava tentando imaginar o que faria, e como iria me mover. De certa forma eu estava com medo, o medo de estar dentro da gaveta, e mais que estar nesse espaço, era o medo de ser uma gaveta organizada. Nesse momento escutava ao longe minha mãe dizendo: Ândrea, cadê o outro pé da sua meia. Isso era o que eu pensava, e medo era o que eu sentia ao estar nessa primeira aula de dança. Medo de não dançar.

Confesso que me sentia um pouco presa, além de estar na gaveta, parecia que eu estava no meio do meu guarda roupa, com aqueles tons de roupas rosa,

todos organizados, meu cabelo repuxava meus olhos e minha cabeça parecia não se mover. Eu me questionava: por que estou assim, se vim para dançar? Recordo vagarosamente do meu pai dizendo para minha mãe em voz baixa: A Ândrea não vai gostar dessa aula. Eu mais uma vez nada dizia, estava com dor de cabeça, mas curiosa, e minha mãe abria um pequeno sorriso, e dizia: Se comporte!

Ao começo da aula, aquelas músicas ao fundo, a voz da professora, e nós todas. Meu corpo parecia novamente se expandir, eu me sentia tão bem que era como se meus cabelos voassem, era como se eu estivesse gritando e girando, um giro descontrolado, que também poderia me derrubar, mas não tinha medo de cair, eu era eu, mas me sentia muitas. Olhava as minhas colegas e queria que elas sentissem o mesmo, porém eu não estava dentro delas, e por instantes me sentia sozinha. Eu dançava sozinha, e isso me fazia bem, tudo que eu gostava estava comigo, eu podia fechar os olhos e visualizar a janela da minha casa, as pontas dos meus cabelos pareciam clarear, e mesmo em um espaço um tanto quanto fechado, eu me sentia com a luz do sol no rosto.

A aula se direcionava da seguinte maneira, primeiramente nós éramos colocadas de frente para o espelho, no qual a professora se deslocava mais a frente. O aquecimento era de aproximadamente vinte e cinco minutos, com músicas infantis, normalmente, eu tinha dificuldade de prestar atenção nas músicas, de certo modo, eu parecia estar mais concentrada em mim. O aquecimento, palavra usada pela professora, era no plano alto(em pé) e no plano baixo(no chão), e trabalhávamos muito a flexibilidade e as torções, todas iguais em fila. Depois fazíamos saltos, como se estivéssemos em dias de chuva e ali perto encontrássemos uma poça d'água, isso era a metáfora que minha professora usava, nós pouco falávamos, e saltávamos. Eu gostava da sensação de estar fora do chão, e amava ver a minha saia rosa também voar, nesse momento digo que me sentia colorida, e esquecia a dor de cabeça que o coque e os grampos me causavam.

Quando íamos para a parte na qual os exercícios seriam na barra da sala de aula, eu não gostava. Confesso que aquele ritmo musical mais rápido, aquela fila, e aquela forma de fazer me enjoavam, eu já não me sentia gigante, e não sei se posso dizer que eu era mimada, mas sempre fui muito teimosa, e nessa parte se iniciavam as minhas teimosias. Minha mãe começou a reparar, ao espiar as aulas, que eu só executava os exercícios quando minha professora estava olhando, quando nos virávamos, ou seja, a barra trocava de lado, eu ficava observando, e ela estava observando as outras meninas, eu não fazia, não sentia vontade. Na barra eu me sentia obrigada, eu parecia me distanciar de mim, a sala de dança ficava pequena, e não podia me movimentar.

Não escrevo essa parte do texto na tentativa de dizer que o Balé Clássico é algo ruim, ou que ele restringe, apenas faço um pequeno relato de como eu me sentia. Talvez mais uma vez a questão não esteja nos exercícios de barra, mas sim como são instigados e de que maneira eu posso integrar uma criança pequena a

eles. Portanto, escrevo para dizer que essa prática me construiu de alguma forma e que estes foram meus primeiros movimentos na aula de dança, de cabelo preso, de roupa rosa, de meia calça de cor clara, com sapatilhas nos pés, e desde ali já haviam alguns estranhamentos. Nessa dança eu fiquei por um tempo aproximado de um ano e meio, e hoje diria que foi uma sensação efêmera. Desde então nunca deixei de bagunçar e sentir essas reações, me permito a elas, jamais esqueci esses primeiros passos que me constituíram e moveram a minha casa nesse instante.

Meu tema é o instante ? Meu tema de vida. Procuro estar a par dele, divido-me milhares de vezes em tantas vezes quanto os instantes que decorrem, fragmentária que sou e precários os momentos – só me comprometo com a vida que nasça com o tempo e com ele cresça: só no tempo há espaço para mim. (LISPECTOR *apud* MILLER, 1973:8-9)

2.3 Mas a verdade é que não construímos prédios sozinhos...

“Começa aqui nossa jornada, mergulhada no rio da criação, deixando-nos levar pelo fluxo de sua correnteza feita de calmarias e turbulências. Para esse percurso, precisamos nos abastecer de amor, entrega, liberdade, coragem, escolhas e determinação.” (NAVAS; LOBO 2008:106)

Como já dito nas primeiras palavras escritas no meu trabalho, para investigar a mim, preciso me debruçar também e pedir emprestadas as palavras e histórias de pessoas que dançaram junto comigo. Para escrever sobre a minha construção na academia Estúdio Unidança de Pelotas, comecei falando e escrevendo/dançando com a minha professora de Jazz Márcia Loureiro. Nota - No dia 27 de março de 2014, às 15h:30min, na academia Unidança realizei entrevista com Márcia Loureiro, de forma carinhosa e feliz ela me fala sobre as suas andanças.

Não trago esta entrevista com o intuito de responder a minha questão norteadora do trabalho, mas sim para apresentar ao leitor uma das pessoas que foi de extrema importância pra minha prática artística, para minha Dança e meus movimentos.

Márcia iniciou o gênero de Jazz Dance com 22 anos na academia Free Jazz Company, após o término da sua graduação em Ciências Contábeis na Universidade Católica de Pelotas. No período da sua graduação praticava balé clássico na escola de balé Dicléia Ferreira de Souza. Sua professora de jazz e também proprietária do espaço se chamava Anaí Sanches, ela trabalhava com uma linha de jazz mais inspirado em movimentos rápidos. Na época as escolas estavam sempre com muitos alunos, a procura era grande para dançar jazz. Anaí sempre preferia coreografar em grupo e fazia espetáculos de finais de ano, mas participava de festivais competitivos na região Sul e mostras de danças. Márcia dizia que o jazz lhe trazia mais liberdade, mas considera que sua prática anterior, o balé clássico, ajudou a perceber alguns movimentos mais exigidos do jazz como: giros, saltos, equilíbrio. Ela diz também que o jazz na época parecia estar mais na mídia, era algo

cultural as famílias colocarem suas filhas na dança e seus filhos nas artes marciais. Márcia não sabe dizer ao certo em quem Anaí se inspirava, mas considera que Anaí e as outras academias que trabalhavam com este gênero de dança eram todos muito próximos da ideia de jazz com utilização de movimentos rápidos e com músicas comerciais.

Em 1994 Márcia começou a dar aulas de Jazz para as crianças e a escola passou por volta desse momento a se chamar Cia da Dança. Em 2000 a proprietária e professora Anaí Sanches foi embora e a escola seguiu com outra direção. Nesse momento Márcia também era professora da turma de jazz juvenil e já percebia uma transformação na prática do jazz, tanto nas aulas como nas coreografias, referindo-se essa transformação nas músicas, nos figurinos que se tornavam menos cobertos e na movimentação que parecia estar mais lenta e embalada com os novos ritmos musicais utilizados.

Em 2002 Márcia deixa a academia Cia da Dança, pois nela surge o desejo de abrir sua própria escola. Em 13 de agosto de 2002 nasce sua conquista, com o nome Estúdio Unidança, as paredes nas cores verde e vermelha, com espelhos grandes e janelas arejadas, ali começavam mais uma trajetória. A Academia e/ou escola, ela deixa como quiserem nomear, trabalhava no início com jazz, dança contemporânea e alongamento e flexibilidade, sendo ela mesma a diretora do espaço e professora das atividades oferecidas. Márcia diz que sempre cativamos e somos cativados, e com isso, junto da escolha dela de deixar o espaço da Cia da Dança, alguns alunos a acompanharam para Unidança, sua própria academia. Ela também explica que muitos alunos continuam até hoje, e outros descobriram outras habilidades, outras vontades que não a dança. Márcia diz entender, apesar de sentir falta do tempo que a turma de jazz estava com mais bailarinos.

Sobre sua metodologia de aula, Márcia diz que seu padrão é próximo ao de sua professora Anaí, tem que haver início, meio e fim bem delimitados. O andamento sequencial da aula é inspirado até hoje na coreógrafa do Raça Cia de Dança(1986), Roseli Rodrigues(1955 á 2010), e procurou sempre fazer muitos cursos com ela, comprar cd's e assistir vídeos. Hoje ela diz que prefere não assistir vídeos. "Existem inspirações, mas cada corpo com a sua, e como professora e proprietária da Unidança e ainda trabalhando com o jazz, hoje digo que a procura para este gênero de dança me parece bem menor, o problema ao certo não sei, mas acho que ele não está tão na mídia, e isso acontece".

Independente o universo com o qual estivermos trabalhando, é importante evitar clones em sala de aula, o professor conduz, mas os alunos não devem se tornar gêmeos do professor, não podar seus alunos e aproveitar o que cada um tem para oferecer nas diferentes turmas. Sobre as criações e repertórios musicais ela diz que "é sempre de momento, escolhe a música também pensando na turma, e brinca com isso, horas se aproxima da adolescente, outras das mais adultas e por aí vai." A música para ela "é sentimento, e isso se passa através do corpo, se eu não exclamo

sentimentos, não posso pedir isso para as minhas alunas. Criação é troca de energia, e eu Márcia assim como minha professora Anaí, faço espetáculos e reapresento, outras vezes apresento em Mostras de Dança, e em festivais, os bailarinos que quiserem dançam, e no espetáculo estão todos os gêneros da escola, e vou variando em trios, duos, solos e trabalho pouco em grupo”. Márcia reforça que não aprendeu em livros, dicionários de dança, e não procurou o Jazz em aspectos teóricos, mas sim se interessou pela prática, e tenta transferir isso para seus alunos, da forma que aprendeu.

Eu tive a experiência de ser bailarina da Unidança durante dez anos, e também por volta dos meus dezoito anos comecei a ser professora com uma turma de Jazz Infantil, o que me possibilitou recordar da Ândrea com os grampos no cabelo, pude lembrar da saia rodada, de que eu não gostava de usar uniforme, e isso me fez perceber minhas alunas, e notar que muitas delas também recusavam os grampos, outros gostavam de prender os cabelos, me fez perceber que só escolhi ensinar por que todas as aulas eu me permitia aprender

2.4 Ser artista é desorganizar-se, e isso dói...

Para entender como o curso de dança movimentou a minha prática e me transformou, fui instigada por minha orientadora Alexandra Dias a escolher uma das coreografias que eu mais gostei de dançar no período que estive na academia Estúdio Unidança (2004 a 2010) e realizar uma pequena análise de movimento, pensando nas ações de Laban, como espaço, tempo, peso e fluência, e também fazendo a leitura dos capítulos três e cinco do livro *O Corpo em Movimento: o sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas*. A coreografia que escolhi tinha o título de Malemolência, e dancei no período de 2008 a 2010, eu tinha dezoito anos quando começamos o solo. Minha professora de Jazz, Márcia Loureiro, afirma que esse instante foi o que ela chama de auge na minha carreira como bailarina, foi um momento desafiador e todos os lugares aos quais apresentávamos, como festivais competitivos na região Sul, mostras de dança em Pelotas, e espetáculos de finais de ano da academia Unidança, o ritmo da música Malemolência, da cantora Céu, trazia energia e embalo a quem assistia. Sentíamos o espectador retornar com seus comentários após assistir a coreografia, com energia e alegria, trocando experiências, idéias e sugestões.

Em todos os anos eu tinha um solo na academia Unidança, este era apresentado no espetáculo e normalmente também em dois festivais na região. Quando Márcia escolheu a música desse solo foi uma surpresa, pois sim normalmente ou acho que sempre eram musicas brasileiras, mas essa música era totalmente cheia de charme e com um ritmo bem brasileiro, e eu estava acostumada

a dançar com melodias mais densas e dramáticas, e eis que então me deparei com essa canção.

Dançar algo com o qual meu corpo não estava acostumado me fez recordar do meu corpo organizando a sala de estar, como eu gostava daquela sensação, e nesse momento eu estava sendo os móveis, que estava trocando de lugar e de espaço. Acredito que meu maior medo era que não desse certo, pois eu acreditava que enquanto bailarina eu estava sempre pronta para dançar, não existiam desafios para mim. Com dezoito anos, eu apenas pensava em dançar bem, e isso de certa forma eu sabia que fazia, meu desejo era escutar os aplausos do espectador.

Um dia minha mãe me disse que o aplauso supria muitas coisas, eu não entendi, mas nesse dia que me deparei com a dificuldade da música, pensei comigo, será que eu vou perder os aplausos e elogios que tanto conquistei? Será que sou outro corpo? Eu não me reconhecia, tinha certeza que saberia fazer todos os movimentos que Márcia coreografasse na música, mas não gostaria de me sentir mecânica.

Sempre fui disciplinada e atenta à técnica do Jazz, sempre me dediquei e não faltava às aulas, mas sempre busquei não me restringir a apenas terminar um movimento e fazer o outro, eu gostava das intenções que podia aderir a cada movimento. Um dia disse para meu pai que cada movimento poderia ser uma palavra, e que cada palavra tem muitas intenções, então por que não trazer essa intenção para meu movimento? Quando estamos bravos não respondemos com a mesma intenção de quando estamos felizes, realizados, o corpo sempre se contrai ou se expande. Eu tentei nunca perder isso, essa vontade de relacionar o corpo e as palavras, e é por isso que sempre gostei de ler poemas, mesmo que muitas das vezes eu não conseguia entendê-los.

O que é uma técnica? Para mim, além de estética, a técnica precisa ter um sentido utilitário, claro e objetivo. De que me adiante fazer movimentos belos e complexos se isso não me amadurece nem me faz crescer? Se não me faz abandonar os falsos conceitos competitivos da dança e da arte, de que me adianta essa técnica?(...) A dança deve ser abordada com base na sensibilidade, na verdade de cada um. (VIANNA,2005:76)

A letra da música foi o que estudamos primeiramente, e ela falava de uma menina apaixonada e provocante, o refrão se repetia muitas vezes. Todas as pessoas que já haviam me visto dançar com a academia Unidança diziam que eu teria dificuldades, e Márcia dizia nesse momento que eu não era tão menininha. Nos primeiros ensaios tudo estava sendo muito cansativo, a coreografia tinha muita troca de plano (alto e baixo) e o ritmo era bem rápido, foi bem difícil adaptar-me a essa nova fase. Dedicava-me muito, escutava muito a música, e ensaiava nos horários vagos na escola.

Quando apresentei pela primeira vez foi em um festival em Porto Alegre em Dança (2008), estava eu com um vestidinho colorido em tons de rosa e lilás, meus

cabelos estavam com uma parte bem presa e fizemos uma maquiagem suave e clara. Estava bem nervosa, e quando soltaram à música foi muito interessante, meu corpo parecia de forma leve acompanhar tudo, meu vestidinho dançava junto, e eu pude escutar o entusiasmo dos espectadores. Os aplausos no final pareciam música, eu terminei mas parecia seguir dançado.

Após a apresentação repensamos o figurino para as próximas, pois o vestido era muito solto e dificultou a terminação de movimentos. Uma das características do trabalho de Márcia é sempre estar atenta à limpeza de movimentos e o visual simples, no sentido de poucas cores e o mínimo de informações nos figurinos, ela acredita que o visual principal tem que ser o corpo e o movimento. Participei de outros festivais com esse solo, e também o dancei muitas vezes na cidade de Pelotas, era nítida a expressão das pessoas ao dizerem que eu parecia outra bailarina, e eu considero este um dos meus trabalhos mais importantes, pois foi um desafio e uma conquista, no sentido profissional também, e de amadurecimento enquanto bailarina.

Escolhi o solo com o título Malemolência, pois foi o trabalho com o qual trabalhei mais tempo, e também o que me gerou mais ações e transformações. Eu já não me encontrava mais com o que para mim era fácil, cada ensaio eu me debruçava sobre dificuldades distintas, e isso fez com que eu tenha até um apressado diferente por esse trabalho. Também por que talvez ele estivesse trazendo as minhas questões cotidianas, no sentido de que eu estava na adolescência, apaixonada, descobrindo novas faces de mim, e o trabalho só ajudou nessa reforma, e nós chamamos isso de amadurecimento. Penso hoje que isso foi para mim também um momento de desafio, no qual me permiti experimentar outras formas de mover-me que não eram as quais eu já estava acostumada.

Mas toda minha dedicação me trouxe momentos brilhantes nesse período que eu dancei jazz, e eu pude conquistar o primeiro troféu em primeiro lugar para o Estúdio Unidança, no festival de Dança de Bagé em 2009, onde também fui destaque e melhor nota da noite. Foi impossível conter minhas lágrimas e da minha professora e também meu grito de alegria, hoje entendo que nota não é tudo, mas naquele instante saber minha média final significava muito. Hoje entendo o quão subjetivos são os valores e o quanto me modifiquei. Acredito que está nota dez me fez compreender que todo meu esforço e tudo aquilo que precisei ter paciência de aprender para dançar um solo que não possuía nenhuma característica das quais eu já dançava a anos, foi produtivo e transformador.

3. Quem sou eu no vídeo?

Quando minha orientadora pediu a tarefa de rever o vídeo da Malemolência e remontar o solo, tentei trazer aquele desejo e aquela vontade que eu sempre tinha de dançar jazz. Esse momento foi difícil, me peguei em um conflito, recordando de mim, parecia nem sempre sentir, como se tudo fosse diferente e eu me desconhecesse. Não julgo isso sendo bom ou ruim, mas sim estranho, e eu tentarei acompanhar os embalos dessa estranheza com o corpo, jamais me desfaço dele. A tarefa de rever o vídeo, como já descrevi, me causa uma sensação estranha, sei que sou eu, que estou ali, mas é difícil me enxergar, dizem que bailarinos têm essa dificuldade de assistir a si próprios. O vídeo é um momento só daquele dia, hora e lugar, hoje eu faria coisas diferentes, por que hoje faço morada em outra casa, mas recordo a estrutura da minha, e não esqueço nem desprezo ela.

Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproxima, o mais próximo e o mais distante. (DELEUZE, GUATTARI *apud* ORTHOF)

Quando assisti ao vídeo me mantive muito atenta, minha cabeça começou a se embalar e parecia em momentos dançar junto, mesmo sendo outra energia, outro dia e outra Ândrea. Minha corporeidade tinha muita ênfase no quadril e brincava muito com o jogo de tronco, minha cinesfera era ampliada e trabalhava muito com a diagonal na cena. Era como se eu quisesse conquistar alguém que estivesse no meu lado oposto, e trocava olhares com o espectador em pequenas pausas de movimento, era uma menina insinuante e charmosa ao mesmo tempo. Minha professora Márcia dizia sempre isso para que eu pudesse criar uma imagem de como seria essa menina, mas era eu ali, agora. Junto da música, a luz na cena, o figurino, a maquiagem. Márcia dizia que formávamos uma equipe, e que o conjunto fez da coreografia uma pequena obra. Obra por que não dizia que criamos e esquecemos, não jogamos em uma gaveta.

Segundo MILLER (2002) a criação é um processo colaborativo na medida em que há participação coletiva de todos os integrantes envolvidos e a contaminação é uma premissa, já que reuni diversos pesquisadores-criadores com variadas abordagens de atuação.

O movimento de braços era solto e por vezes parecia espanar e em outro momento pontuava em direção ao espectador. O resto da movimentação se mantinha de forma indireta, o tronco sempre fazendo movimento de oposição, por vezes, parecia que se embalavam para além do ritmo musical. Nós já tínhamos uma relação muito boa no plano baixo, percebo até hoje nas minhas composições um corpo mais disponível quando a movimentação é no plano baixo, e nesse solo em específico é bem visível, quando estou no plano baixo pareço me soltar e fluir mais.

Minha malemolência (forma de mover-me) hoje é diferente, já não tenho no corpo aquela doçura de menina e meus desejos e motivações são outros. A professora Márcia afirmou que todas as experiências que eu tive farão com que essa remontagem da malemolência seja algo diferente de antes. Não me encontrarei em cena com aquele estado brejeiro, mas sim, algo envolvente, e que terei que ter aquela mesma dedicação, mas agora com um olhar de quem passeou em outros jardins e mora em outra casa. Ao assistir o vídeo tenho a mesma sensação da minha primeira aula, eu estou ali sozinha, e isso é bom, não só recupero o estado de sentir-se sozinha, como também vou buscando outras sensações. E talvez essa malemolência se torne menos maleável, mas ela está aqui, e novamente irá visitar minha casa. Vou mexer na estrutura como fazia na sala da minha infância, mas agora sou adulta, e entendo que toda vez que derrubo um móvel eu movimento a estrutura da minha casa/lar... O corpo!

4. O Hoje... Os borrões na minha pele começaram em 2010

Como eu lido com o inesperado...

Acredito que hoje eu diria não esperando, acho que o acaso é uma poesia, e estamos bordados pelos instantes, e mais uma vez escrevo que costumamos predestinar.

Para dar início a este capítulo, digo que sempre que escrevo sobre o momento da entrada na universidade, me pego mergulhada em tantos afetos. Tantos foram os episódios bonitos que vivi que posso dizer que jamais irei esquecer, meu corpo está preenchido dessas memórias, e é como se eu tivesse tatuado sobre a minha pele alguns retratos. É bem provável que eu mude de casa, cidade, e talvez com o tempo de país, mas existe o percurso que eu já cito no início do meu trabalho, e é impossível se desvincular do que faz com que nos envolvamos de forma diferente, sempre distinta. Cada dia um amor, uma entrega, uma doação, um desejo, uma estranheza, um movimento. Sempre cada dia um, e milhares de sensações. O corpo e suas estações, nem sempre faz frio, às vezes o inverno chega, mas a pele necessita do calor do verão.

Minha entrada no Curso de Dança Licenciatura foi ao dia vinte e três de agosto de 2010, quando tivemos nossa primeira aula/encontro no espaço da AABB de Pelotas. Desde que terminei o Ensino Médio tinha certeza do curso que gostaria de fazer, minha incerteza era de que poderia ou não optar pela licenciatura, e se faria na cidade de Pelotas. Penso que nunca somos as nossas certezas, e disso não tenho dúvida. Interessa-me o questionamento do filósofo Sócrates que diz: “Só sei que nada sei.”

Enfim, depois que entrei na AABB e percebi aquele ambiente cheio de pessoas animadas em pequenos grupos, gente colorida, pessoas abraçadas, outras sentadas ao chão. Os professores tirando os sapatos e falando alto, os que se conheciam abraçavam seus alunos e meus olhos estavam ali atentos a todos e a tudo. Nessa ocasião recordei de meu terceiro ano do ensino fundamental, como anteriormente citado, e relembrei da minha professora perguntando o que iríamos fazer quando nos tornássemos adultos. Fiz uma pequena pausa e tentei ver se alguns dos meus colegas da infância estavam por ali, se alguém também havia escolhido a Dança, na verdade não sei se é bem escolher, mas nesse momento não me utilizo de outras palavras.

Recordo também de que foram nos dadas algumas questões sobre dança e rememoro que as pessoas ao meu lado, meus futuros colegas, ficaram atentas ao meu costume e vontade de escrever muito, às vezes até me embaralho nas palavras, mas gosto de ver meus punhos se moverem e minhas veias saltarem da mão. Isso já eram meus pequenos movimentos. Eu não me lembro o que escrevi,

mas posso afirmar de seria diferente do que escreveria hoje. A minha entrega e desejo pela dança são os mesmos, mas agora eu percebo que a minha necessidade de escrever e de rabiscar é tão imensa quanto à de me mover. Estamos em movimento, constante e inconstante. O meu desejo de dançar é tão grande quanto o meu desejo de escrever. Escrever é refletir sobre a dança.

Não movimento. Movimento lento O movimento da escrita. O contato dos meus dedos com a caneta e da caneta com os meus dedos. A minha respiração me cansa, e me deixa sempre, eu a busco sempre. Os meus ossos me sinalizam a minha presença nesta cadeira que tem cotovelos, mas que quase não tem pés. O contato das mãos no papel é confortável, o papel de seda liso, branco, escorregadio, que me espera a cada palavra, a cada letra, a cada desenho de letras, a cada pensamento que vai, volta e fica no sobe e desce da caneta que se faz e constrói a palavra. Lavar as ideias. O lavrador de imagens. O lavrador de sensações do corpo que pensa. Pausa. Expira. Acabou? (MILLER,2012:138)

Após uma primeira semana de atividades especiais ou extraordinárias, pensadas para os ingressantes do curso, na segunda semana começaram as aulas do curso. Me lembro de ainda, com uma memória bem colorida, de estar bastante ansiosa e com vontade imensa de me mover por este outro espaço.

Eu terminava as aulas de jazz que fazia enquanto aluna na academia Unidança às seis e meia e ia para a universidade para as aulas que começariam às sete. Na chegada, como já tinha feito contato com alguns colegas, conversávamos e pensávamos o que teríamos de dança e sobre dança, e os últimos horários eram da disciplina de Ação e Movimento I com a professora Alexandra Dias.

A professora Alexandra entrou na sala e nós estávamos todos atentos, começamos com uma prática em roda para relaxar o corpo e acordar as articulações, a professora dizia que era importante que nós nos sentíssemos parte do ambiente. Meu corpo parecia novamente abrir pequenos espaços, eu me aproximava da sensação de estar em meio à sala da minha casa, e nesse devido momento os móveis eram as articulações do meu corpo. Por mais que nesse dia eu não fosse mais criança, sempre guardei essa sensação da infância, e essa vontade de trocar os móveis de lugar.

Normalmente eu costumava fazer os exercícios com força e sentia muita dor por praticar em excesso. Nas aulas de Ação e Movimento I, eu dizia que me sentia como um algodão doce, meus colegas até se divertiam com a forma na qual eu denominei a aula, mas a verdade é que parecia algo sem uma forma exata, meu corpo ia como se eu estivesse no escorregador da pracinha, ele brincava comigo e por vezes parecia estar em um jogo de pega-pega. Eu me sentia feliz, mas de alguma forma me negava, pensava: porque eu tenho que fazer isso, se eu estou pronta? Sentia-me pronta enquanto bailarina, eu pensava no tempo e na minha experiência, e não na continuidade dela, eu ponderava algo exato, e nesse período parecia de alguma forma me aproximar da minha professora do ensino fundamental, eu queria uma resposta exata do meu corpo, e ele teimava comigo.

Agora eu estava na pracinha, e de certo modo recordava da infância, meus cabelos soltos pareciam trocar de cor, e quando meu tronco soltava o peso para traz eu parecia estar na janela pegando sol, mas essa janela era algo novo, e eu tinha medo dessa nova vista, e desse sol que batia e surgia nas pontas dos meus cabelos. Ao mesmo tempo eu tinha receio, parecia que dançando jazz eu me encontrava comigo, na verdade eu encontrava com as coisas que as pessoas esperavam de mim, mas agora em outro instante eu estava comigo ali, estava viva, e podia perceber que o acaso me tornava cena. Que cena é está?

No inicio, existe o medo, o medo de existir. Depois vem o enrijecimento e a recusa de enfrentar o medo. Depois a denegação, terror de se confrontar a si mesmo impede de compreender e nos obriga a encenar sempre a mesma peça. Este é um destino trágico. (LANCRI, 2002)

Nas aulas de Ação e Movimento I, tínhamos um diário de processo, um caderno referente a esta disciplina, no qual nós tínhamos que escrever no final das aulas e também em casa, quando tivéssemos algo que de alguma forma fizesse relação com a prática estabelecida nas aulas poderíamos contar ali, nas folhas em branco desse caderno. Na aula do dia trinta de agosto, ou seja, ainda na primeira aula, a professora nos fez o seguinte questionamento: O que eu gosto? Nessa hora, todos nos olhamos e tivemos uma pausa para reflexão. Vontade de gritar, eu tive!

É estranho pois até hoje essa questão me move muito. Por mais que saibamos do que gostamos este é o momento onde mais queremos formular algo que seja correto, ou exato. Quando digo correto me refiro a algo que achamos que a pessoa espera de nós, mas naquela mesma ocasião eu me senti não gostando de nada. Estranho, mas eu não tinha vontade de dizer sobre o jazz, não estava negando-o, mas não pensei no gênero de dança que eu já fazia, pensei em mim, e em mim me movendo, e respondi assim:

Bem, desde pequena eu sempre fui fascinada por dança, musica e pintura, acho que as três coisas podem caminhar completamente juntas. Música brasileira em geral com ritmos mais lânguidos e melodiosos fazem o meu corpo relaxar e ir além meus pensamentos, parece que estou diante das luzes de um palco imenso á dançar, dançar e dançar. Desde meus três anos faço dança, e isso é o que quero para toda minha vida, na dança descubro muito de mim, e a pintura me deixa alegre.(Diário de processo da disciplina de Ação e Movimento I)

Isso era o que eu tinha naquele dia para essa questão. Não menti, disse o que eu gostava, mas também eram notáveis pequenas interferências na minha forma de gostar de algo, na verdade eu estava diferente, só não queria perceber. Não sabia lidar com esta diferença, era como se estivesse em meio a um escorregador e meu corpo não escorregasse, era como se estivesse em meio de tudo, mas estivesse vazia.

Gerava-me certa ardência em pensar que eu estava me modificando. Não escrevo com dois olhares, como se antes fosse ruim e hoje bom, mas escrevo o que sinto. É pensando/dançando que nós somos movimento e não devemos ter receio

disso, de nós permitirmos, escrevo também para recordar, e para dançar essas lembranças recordações, memórias. A escrita agora faz com que eu siga me transformando e também com que eu perceba e possa lidar comigo, falar sobre transformações é também escrever sobre transformar-se.

Mas enfim, retomando as minhas memórias na disciplina de Ação e Movimento I, me debruço também sobre meu diário de processos e relendo-o no fim da graduação, pude notar nos dois últimos semestres do curso uma grande mudança na escrita. Mais uma vez reforço que a transformação é ação, se separarmos as sílabas iremos ver que ação é o final da palavra, e toda ação é total, não transformamos uma parte, transformamos o todo, o corpo/alma, não o dividimos. Em meu diário de processos, me debruço sobre minhas escritas antigas e reescrevo, agora sem o lápis, mas pelo teclado do computador, uma percepção que na época tive das aulas. Na aula do dia 04 de novembro de 2010, ou seja, meses depois, eu escrevi:

Nas aulas de ação e movimento eu consigo, perceber uma relação entre as outras matérias, como as práticas dos exercícios nos mudam, e fazem nós prestarmos atenção, nos fazem dar uma atenção maior para o que acontece no nosso interior, no interior do nosso corpo, são aspectos que muitas vezes passam despercebidos, não nos ligamos tanto. E eu acho, bem interessante na matéria de ação e movimento I, as infinitas descobertas que temos, o corpo às vezes necessita sair do óbvio, se reconhecer também, e apesar de para mim ser difícil, eu estou buscando, arriscar, ir além dos nossos limites, assim como na disciplina de análise do movimento buscamos a tridimensionalidade, os diferentes níveis de executar os movimentos, as dinâmicas, os diferentes pesos, que na minha opinião pode ser utilizado nas duas disciplinas, tudo está ligado, tudo se une. E na aula de hoje usamos um objeto (FLOR), primeiro observar bem ele, e percebermos no que os nossos movimentos poderiam se identificar com eles, experimentamos isso, e após juntamos com a nossa partitura de quatro movimentos já feita nas aulas. Eu vejo uma flor com mil, características, como algo doce, suave, que balança suas pétalas, que pode perde-las, que é sensível, delicada, cheia de nuances e cores. Os meus quatro movimentos são lentos, suaves e bem diferentes um do outro, como as cores das flores. Então eu coloquei a flor nessa partitura, e pude sentir meu movimento mais redondo como o abrir de suas pétalas, e aumentei a partitura. Amei o objeto, e o que ele pode me provocar, uma relação e algumas descobertas. (Diário de Processo da disciplina de Ação e Movimento I escrito em 04/11/2010)

Já era perceptível desde então em mim esta busca por algo diferente, recordo de ter escolhido como objeto uma flor bem colorida, pois estava em meio a um processo de coreografia nova, que utilizaria como elemento cênico cinco flores coloridas, e eu dançava com elas. Essa coreografia acontecia na academia Estúdio Unidança, onde eu estava encerrando meus processos com o solo da Malemolência e iniciando a criação deste outro solo que se chamava 'Desconstruindo o meu jardim' com direção novamente de Márcia Loureiro. Era um novo trabalho, novas percepções, e com a entrada na universidade eu tentava criar conexões da minha

prática do jazz na academia e das práticas que estava desenvolvendo na disciplina de Ação e Movimento I.

Considero que, da forma que eu gostaria, não consegui alcançar essas relações, e isso me trazia um pouco de dificuldades nas aulas, no sentido de que parecia dividida. Eu amava a prática do jazz, e ao mesmo tempo gostaria de trazer outras cores para essa prática e para meu movimento. Isso me gerou algum atrito na disciplina, acredito que por não conseguir estar/ser tão entregue e disponível. Em algumas aulas, eu me negava fazer alguns exercícios, mas nunca deixei de me envolver, só não sabia o que fazer com essas duas de mim, essas duas faces que ali estavam e que eu não conseguia organizar. Gostava da bagunça, mas nesse instante eu estava no caos, e o caos me angustiava, mas jamais pensei em desistir dele.

Se eu pudesse, gostaria de definir o que sentia nesses processos conturbados, cheios de receio, e medo. Eu estava em meio a uma nova cidade que era o Curso de Dança, sentia-me para além de, como se estivesse mudado de casa, da casa corpo. Era como se eu estivesse em um lugar frio e eu olhava a neve, pois eu sempre tive curiosidade de sentir a neve no meu corpo, mas ao mesmo tempo sempre detestei o inverno. E assim estava eu, em meio a um frio, não enxergava a neve, mas meu corpo estava gélido. Eu me questionava: cadê a primavera nesse período de flores?

Todos os dias quando retornava para casa me encontrava pensante, quando estava no banho e deixava a água escorrer por todo meu corpo eu me perguntava: Ândrea, por que você não fez o que lhe foi pedido em aula? Isso é por que não me sentia totalmente disponível, mas era dança, era movimento, e eu estava recuando de tudo. Toda vez que pensava estar se aproximando a próxima aula de Ação e Movimento I, eu conversava comigo e nesses diálogos que muitas vezes eram em frente ao espelho eu dizia em voz baixa, com os lábios trêmulos: Hoje eu VOU fazer todos os exercícios que a professora pedir, e eu farei de forma que eu considere entregue, como sempre busquei ser...

E então chegou a tal aula, na qual antes eu estava conversando comigo, acho que foi um momento mais que difícil e meu medo duplicou. Quando fomos mostrar nossas partituras corporais, os movimentos a partir das ações realizadas nas aulas, a professora Alexandra pediu-nos para que fôssemos em grupos de cinco alunos, e iríamos repetir essa partitura de movimentos várias vezes. Meu grupo foi o primeiro a ir, e eu respirei, tentando trazer a sensação da primavera me levantei e me mantive calma.

Coloquei-me no espaço de costas, pois me sentia mais concentrada quando começava sem olhar diretamente para meus colegas, e então meu corpo foi escorrendo eu estava me sentindo bem, um pouco tensa na região das escápulas, mas eu dançava. Ao longe escutei a professora Alexandra indicando o que cada um

de nós teria que fazer além dos movimentos da nossa partitura, e então pude ouvir meu nome quando estava virando de frente, a professora disse: Ândrea quero que você dê gargalhada e siga fazendo sua partitura. Nesse momento, mil pausas. Eu logo pensei: Gargalhar do que? Eu não estava achando a mínima graça, e também não sentia vontade de fazer aquilo, parece que gargalhando eu estava debochando da minha dança, nesse momento eu esquecia da infância colorida, e estava em meio ao medo. Então travei!

Meu corpo em voz alta dizia para mim: Que maneira é essa de trabalhar? Eu não quero, não posso! Mas por que não podia, eu só devia sorrir, e sentir esse riso. Quantas vezes na vida sorrimos e temos vontade de chorar? Mas não pensei nisso e simplesmente parei. Os colegas com os olhos em mim e a professora me questionavam dizendo: Vai Ândrea, faz, vamos, estamos te esperando. Todos me esperavam, e eu me virei de frente para ela e gritei que não faria. Ela então me disse para usar essa raiva que eu tinha, e eu não fazia nada, apenas batia com o pé no chão e encarava todos. Nesse dia meu medo era demais e quando acabou a aula, nesse mesmo momento, eu só podia chorar, estava decepcionada comigo, e eu sempre atendia as minhas expectativas, mas agora eu nem sabia o que queria. Eu tinha medo, e só superei esse medo na prova final da disciplina, mas todo o processo, gélido e cheio de neve, me fez perceber o quão desafiador era o processo, e o quanto eu procurava o produto.

A linguagem alimenta-se da subjetividade e da vivência do artista.(...) Já os conceitos emergem então, dos procedimentos, da maneira de trabalhar. (REY,2002:128)

No final da disciplina, ou seja, final do semestre, após muitas dificuldades, em meio ao caos que escrevo e descrevo, tínhamos a prova final. Nesta, um dos alunos de cada vez iria a mostrar suas partituras com os direcionamentos da professora Alexandra Dias. Era um dia de grande nervosismo, e fizemos mais ou menos um sorteio, não recordo bem, mas eu era a penúltima a apresentar, ficando na sala apenas a professora Alexandra e eu. Confesso que eu tinha certo medo do que teria que fazer e de como eu me sentiria, acho que é como aquele medo de esquecer a coreografia em cena, mas aquele medo era fora do palco.

Apresentei uma vez sem o objeto que era a flor, escolhi também apresentar sem música. Estava muito nervosa, e quando terminei a professora pediu-me que repetisse a partitura e me aproximasse mais dela, e quando fizesse os dois últimos movimentos que eram no plano baixo (chão), eu pensasse que meus olhos estavam nas costas.

Naquele momento, pausa para reflexão, onde estava eu?

Penso que começou a ficar difícil, mas recuperei minha respiração, e de certa forma cheguei mais perto de mim para me aproximar da professora, me senti mais tranquila, e comecei. Quando terminei, Alexandra fez uma pequena pausa e me

disse algumas coisas, eu fiquei atenta pensando que terei que repetir de novo, mas a professora sorrindo disse que eu já poderia ir, que já havia acabado, e que me esperava nos próximos semestres. Ali, não era um festival de dança, onde sairia minha nota, e logo o parecer dos jurados, era uma prova sim, mas nela eu pude sentir a sensação de novo do algodão doce e do balanço da pracinha. Comecei a colorir este caos, meu corpo estava novamente se expandindo, o espaço da AABB onde eram nossas aulas parecia ter mudado de lugar, eu mudei e o meio então também se modificou.

Encerro este capítulo um tanto quanto emocionada, reescrever é também dançar, e vasculhar nessas gavetas que nunca deixei totalmente fechadas me faz ter orgulho de tudo que escolhi ainda sabendo que me modifiquei, continuo sendo eu, e como é bom encontrar com outras faces, e recordar nossos avessos poéticos.

4.1 Te subscrevo... subscrevo-me!

A composição me coreografa e as memórias me dançam, todo tempo, o tempo todo. Como já escrevi sobre os processos de Ação e Movimento I, agora é o momento de dançar na escrita da Composição Coreográfica I, disciplina na qual eu considero que cheguei realmente à cidade/curso, eu encontrei a casa/corpo que queria. Não estava mais viajando, eu encontrei espaços, e então: Escancarei a porta que estava entreaberta.

Meu corpo, assim como quando queria fazer amor, comer, beber, exigia também que eu lhe fizesse encontrar o bem-estar, Por isso, eu pegava a estrada, todas as semanas, para vir a este beco que se tornara, para mim, uma abertura em relação a mim mesma.(BERTHERA, 2002:17)

Quando escrevo sobre este período da universidade me pego com um largo sorriso no rosto e me sinto muito feliz. Não escrevo na tentativa de fazer um autoelogio, mas tenho orgulho de rememorar essa parte da minha vida, essa gaveta colorida, esse espaço urgente.

A disciplina de Composição Coreográfica I teve início no dia 11 de agosto de 2011, eu já sabia, assim como meus colegas, que quem ministraria a disciplina seria a professora Alexandra. Lembro dos meus colegas da disciplina, ao todo nove alunos, me dizer para agora não arrumar encrenca nas aulas, pois eu estava mais madura e já havia aprendido algumas coisas, na verdade sempre aprendemos.

Há dias que acordamos de bom humor, com o sol no rosto. No dia da primeira aula eu acordei assim, estava ansiosa para saber qual seria a proposta da disciplina, e já havia escutado que trabalharíamos com solos, e eu sempre gostei de dançar sozinha. Aliás nunca sozinha, pois a cena é bordada de questões/relações, todas elas estão ali de forma urgente com o corpo. Quando meus colegas e eu chegamos à aula, a professora sentou-se no chão conosco em roda e conversamos bastante. Falamos sobre o que seria uma aula de dança contemporânea, uma aula de composição coreográfica e várias outras coisas. Eu disse que não sabia o que viria,

mas estava disposta e feliz, e isso me dançava, jamais me bastava. Então aos poucos a cortina da aula foi abrindo-se e a professora fez para cada um de nós o seguinte questionamento: O que eu tenho?

Agora de novo, pausa para reflexão, a pausa era parecida com a que eu descrevo em Ação e Movimento I, mas agora essa pausa não me dava vontade de gritar, agora eu exclamava, estava mais calma, mas curiosa, talvez nem eu soubesse o que tinha, mas tinha algo, e meus olhos brilhavam. Quando olhei a folha do meu caderno com a cor branca e as bordas cor de rosa, fiquei pensativa, eu tinha que escrever, e escrevi, mas minha vontade era de borrar aquela folha de batom vermelho. Não fiz isso, mas escrevi o porquê desses borrões, dizendo:

Tenho em mim uma vasta mescla de sentimentos e sensações, me julgo e me percebo intensa, como diria Clarice Lispector: “Não sei amar pela metade...”, não sei fingir, não consigo deixar algo, quando gosto me dou, me entrego, quando estou triste fico frágil, mas penso que essa fragilidade pode me trazer leveza e suavidade, não sinto raiva, nem ódio quando alguém me machuca, dói, mas essa dor me traz movimentos mais fortes e precisos...(Diário de processo da disciplina de Composição Coreográfica I)

Sempre fui extremamente verdadeira comigo, alias sempre procurei ser, sei que nesse dia, hora e lugar eu estava um pouco feliz e um pouco triste, mas ao mesmo tempo atenta ao movimento que a disciplina poderia me proporcionar. Na retomada para casa, eu observava os lábios dos meus colegas abrindo e fechando, todos estavam muito empolgados. A aula tinha sido realmente instigante, eu não falava muito, o vento parecia me levar, e eu seguia andando.

Quando cheguei em casa reli o que havia escrito no caderno, e reli muitas vezes, e era aquilo sim que eu queria escrever. Claro, nessa hora já era mais tarde da noite, talvez eu escrevesse de maneira diferente, mas era assim, eu estava intensa e extensa. Queria dançar e dançava, eu pensava todo dia em chegar logo o meio da outra semana para a próxima aula, e de tão feliz que estava por isso, chegou com rapidez.

Na aula do dia 18 de agosto começamos caminhando pela sala, eu vestia vermelho, e estava soltando meus cabelos quando a professora Alexandra disse para seguirmos caminhando que ela diria um nome de cada vez, e pensaríamos em uma imagem e logo faríamos um alongamento. Mais adiante esse alongamento seria base para preparação de nossos solos, mas nesse dia o direcionamos para todos os colegas.

Dois ou três passos e logo escuto meu nome, meu corpo seguiu, não me vi com pausas, meu corpo seguia andando, e refletindo. Quando comecei alongar me recordo de dizer que pensei na imagem de uma mulher forte e frágil e nas trocas de intenções de movimento, na época eu pensava na tristeza e no amor, estava amando, e isso me dançava. Eu falava bastante em dualidade, estava intensa, mas não inteira, não sabia explicar o que sentia, e o que acontecia comigo, mas eu entrava nesse jogo de interrogações, e eu até gostava dele. Eu estava disponível.

Uma vez escutei na televisão de um ator, ao qual não me recordo, que as melhores coisas da vida são aquelas que nos perturbam, na época fiquei pensante e hoje tenho isso como uma memória forte, penso que o artista questiona essas perturbações quando movimenta elas. Desloca-se.

Talvez seja mais fácil guardar, trancafiar em uma gaveta, colocar um cadeado e nunca mais achar a chave, mas a verdade é que jamais podemos trancar nossos sentimentos, podemos tentar, mas o corpo teima em dizer. Hoje percebo o quanto interrogo minhas perturbações, e o quanto me sinto intensa por isso, eu as deixo em movimento e com movimento.

Sucessivamente me questionava: Por que a dança tem que ser alegre? Quem disse que a poesia está no lirismo? Só se dança de roupa-figurino? Mas e o desenho da pele? Quem disse que tem que ser assim? Talvez eu mesma me dissesse, e era essa noção e percepção de dança que eu tinha, mas nesse instante estava me questionando que dança é essa, e se era essa dança que queria dançar. Acho que ninguém disse, eu olhava assim, e assim pensava a dança, o corpo, a cena, o palco, a partir das vivências com as quais eu já havia experimentado.

Mas nesse período da composição não, eu estava em um processo de pequenos acúmulos e para mim agora, eu tudo podia... Eu queria e desejava e meu corpo seguia. Repito-me dizendo, não havia pausas, minha urgência estava nas coisas novas, e não nas coisas belas visualmente. Quando falo belo, me refiro as coisas que para mim tinham beleza e poesia.

No mesmo dia apresentei o início de um projeto coreográfico que todos tínhamos que levar a aula de composição. A professora estipulou três minutos, e disse que escolheríamos como fazer, no sentido de: com qual música, com qual figurino, com uso vocal, no escuro ou com luz. Era um experimento bem inicial, e estaríamos projetando ideias apenas. Fizemos um sorteio e no dia fui a primeira a mostrar o esboço coreográfico, minha música era 'Atrás da Porta' da cantora Elis Regina, e meu solo estava com três minutos e trinta segundos.

Então estava eu lá pronta, começando no plano baixo e na diagonal, com os cabelos no rosto, e uma saia vermelha. Esta saia eu escolhi em função da cor vermelha e de ser uma saia que ganhei de uma pessoa muito especial para mim. A música, com uma letra extremamente forte, parecia arrepiar meu corpo todo, sentia como se a melodia fosse abrindo espaços na minha pele, e estes espaços me rasgaram e estendiam.

Dancei, senti meu corpo inundado em lágrimas, eu realmente me sentia frágil, e era isso que eu podia dançar no dia. Meu corpo tremia, e minhas escápulas se moviam de forma lenta, a ponta dos meus dedos da mão tocava o chão de forma que arranhei a pele e me machuquei. Eu começava a movimentação na diagonal como já escrito e terminava no centro, quase todo o percurso coreográfico era no fundo do palco, e meus cabelos teimavam em estar no meu rosto.

A escolha da diagonal e do fundo do palco talvez tenha sido uma tentativa de não enxergar de imediato o espectador, as pessoas que estavam me olhando, que nesse dias eram meus colegas e a professora, mas a verdade é que talvez também fosse uma forma de escapar de encarar de imediato um novo momento que estava vivendo. A estranheza é sempre assim, ela nos movimenta, mas o processo vai sendo tateado aos poucos sobre processo, e eu aos poucos tentava buscar um lugar mais a frente e não apenas nessa diagonal.

Quando terminei pude respirar melhor, e acredito que temos que respirar nossas fraquezas, e era hora de explicar em três minutos a proposta, o que acontecia no dia, o que me gerava aqueles movimentos, e por que da escolha deles. Aproximei-me dos meus colegas e sentei, todos estavam me olhando de forma diferente, eu comecei a explicar mas nem eu sabia o que dizer... Não recorro o que disse, mas a turma comentou que eram perceptíveis as ações e movimentos com peso forte e espaço direto, mas também em momentos, indiretos e leves utilizando os fatores de Laban que estudamos na universidade nas disciplinas de Ação e Movimento I e também Análise do Movimento I. FERNANDES(2006). No meio da coreografia a professora tirou a música e terminei dançando no silêncio, meus colegas salientaram que isso aumentou a percepção para com a mudança entre os movimentos fortes e leves, sem o uso da música.

A professora Alexandra me instigou a procurar mais pausas nesse trabalho e tirou a música, pediu para que eu trabalhasse com o silêncio que nesse devido momento não me assustava, só me fortalecia, pois por dentro eu estava gritando. Um grito interno. Naquela semana procurei poemas, sempre gostei de ler sobre literatura e então pesquisei e escrevi bastante, minhas mãos cansavam, mas eu queria mais, a caneta falhava e eu tinha dificuldade de dormir, estava pensante, e tudo estava envolto desse novo trabalho.

Todas as manhãs eu saía para caminhar cedo, conversava comigo, mas nem sempre me ouvia, sentava por vezes próxima a uma árvore, que em certos dias tinha flores alaranjadas, e eu as adorava! Sentia-me confortável, e esse passeio me trazia inspirações, eu parecia compor mesmo parada. Quando digo parada me refiro longe das aulas e dos processos de apresentar esses experimentos, o ensaio acontece o tempo todo.

Em casa começo a me preparar, separo as roupas, os livros, meu corpo está em expectativa. Saio de casa. Vou ao ensaio. O caminho é um aquecimento, estimula uma mudança no olhar, busca aguçar os sentidos. Segundo Dias (2009):

É desta maneira que percebo, mais uma vez, que o ensaio é o tempo todo e não restrito ao espaço ou ao tempo da sala de ensaio. Observar é se observar se tornam um movimento cotidiano. Tudo pode vir a ser performance. (DIAS,2009:100)

Buscava ler poemas escritos por mulheres, e percebo certa recorrência nos meus trabalhos essa essência de inspirações femininas como: Clarice Lispector,

Adélia Prado, Martha Medeiros, Cecília Meirelles entre outras, escutava bastante músicas com vozes femininas. Tinha pensamentos muito vermelhos, eu estava vermelha. Escrevi essa frase no meu diário: Será que as coincidências fazem parte do mundo... e o amor?

Carta Extraviada 3

Não é da minha natureza esperar que me deem liberdade, não espero pelo pouco que há de essencial na vida. Sendo liberdade uma delas, eu mesmo me concedo.

Ser livre não me ensinou a amar direito, se por direito entende-se este amor preestabelecido, mas me ensinou as sutilezas do sentimento, que, afinal é o que o caracteriza e o torna pessoal e irreproduzível. Te amo muito, até quando não percebo.

O amor que eu sinto pode parecer estranho, e é por isso que reconheço como amor, pois não há amor universal: não caríssima. Não há um amor internacional, assim como são proclamados os cidadãos do mundo. Cada cidadão, um coração, e em cada um deles, códigos delicados. Se não é este o amor que queres, não queres amor, queres romance, este sim, divulgadíssimo. Te amo muito, e não sinto medo.

Bela e cega, buscas em mim o que poderias encontrar em qualquer canto, em todo corpo homens e mulheres ao alcance de teus lábios e dedos, romance: conhecido o enredo, é fácil desempenha-lo. E se casam os românticos, e fazem filhos e fazem cedo.

O amor que sinto poderia gerar casamento, pequenos acertos, distribuição de tarefas, mas eu gosto tanto inteiro, que não quero me ocupar de outra coisa que não seja de você, de mim, do nosso segredo. Te amo muito, e pouco penso.

Esta carta não chegará, como não chegarão aos seus entendimentos estas palavras risíveis, estes conceitos que aos outros soariam como desculpa de aventureiro ou até mesmo plágio, já que não há originalidade na ideia, muito difundida, porém bastante censurada. Serei eu o romântico, o ingênuo? Serei o que quiseses em teu pensamento, tampouco me entendo, mas sinto-me livre, para dizer-te: te amo muito, sem rendimento, aceso amor sem formato, altura ou peso, amor sem conceito, aceitação, impassível de julgamento, aberto, incorreto, amor que nem sabe se é este o nome direito, amor, mas que seja amor. Te amo muito e subscrevo-me. (MEDEIROS, 1961:77-78)

Quando li o livro de Martha Medeiros Cartas Extraviadas, me senti ali dançando esta carta em específico, a de número três. Estava me sentindo como uma carta, um papel, aliás, meu corpo parecia estar enfeitado de escritas, e eu subscrevia o tempo todo, e por muito tempo. Não me entendia, e nem julgava mais o que eu estava fazendo enquanto dança, se era o jazz, se era improvisação, eu não me sentia mais pronta. Também não me preocupava se eu estava bonita ou feia, no sentido de dançar bem ou mal, eu me sentia livre e era essa sensação que eu tinha apreço, a mesma sensação de quando nos apaixonamos. Perdemos a noção do espaço, e eu então me expandia.

Nas próximas aulas tínhamos como questionamento a pergunta: O que eu não tenho? E mais uma vez escrevo que é de fato um pouco estranho, pois é como

se tivéssemos tudo nesse minuto, e nos reviramos pensando sobre o não ter. Nessa mesma aula conversamos sobre nossos movimentos cotidianos e como eles estavam surgindo, talvez até sem querer em nossos processos, como usar o cabelo no rosto, modificar a expressão do rosto quando não gostamos de algo, nos expandir ou não em certos ambientes, e como tudo isso aparece quando criamos.

Criamos a partir de nós mesmos LANCRI(2002);MILLER(2012) mesmo que muitas vezes não saibamos quem somos. No dia de dizer o que não tínhamos eu fiquei mais quieta, eu realmente não tinha o que queria, na verdade me mantive em silêncio e me concentrei nas pausas do solo que estava sendo coreografado. Foi assim que meu corpo reagiu nessa aula, não havia continuidade. Eu mais pensava que me movia, e respeitei isso. O que eu não tinha não era meu, e o que eu tinha era tudo o que eu escrevia, tudo o que eu já dançava. Nas palavras de Clarice Lispector deixa uma breve sensação do que meu corpo não tinha.

Mas estou tentando escrever-te com o corpo todo, enviando uma seta que se finca no ponto tenro e nevrálgico da palavra. Meu corpo incógnito te diz: dinossauros, ictiossauros e plessiossauros, com sentido apenas auditivo, sem que por isso se tornem palha seca, e sim miúda. Não pinto ideias, pinto o mais inatingível “para sempre”. Ou “para nunca”. É o mesmo, antes de mais nada pinto pintura. (BAUSCH *apud* FERNANDES,2007:31)

O tenho e não tenho, o para sempre e para nunca, o movimento forte e o movimento frágil. Parece que nessa disciplina tudo recordava de mim, e dos meus novos movimentos, meus experimentos e minhas curiosidades. Para melhor me organizar fiz uma tabela com meus movimentos e os que mais se repetiam na composição. Como Pina Bausch, a grande coreógrafa alemã era uma das inspirações, com seu método de repetir e transformar (FERNANDES,2007:124) este movimento, percebi que haviam algumas repetições.

Meu movimento ainda tinha ênfase no quadril e a partir do quadril gerava outros movimentos para todas as partes do corpo. Nesse período eu havia desistido do jazz, parei com as aulas e também não quis mais me apresentar dançando jazz, não pelo trabalho da Composição e nem em função do ingresso no curso, mas sim por que eu sentia que não era mais isso que meu corpo pedia para eu dançar e escrever. Então, como sempre, procurei ser honesta comigo, desisti de dançar o jazz naquele momento.

A prática do jazz me foi de grande importância, trouxe momentos brilhantes, estive comigo na infância e na adolescência. A minha desistência, para algumas pessoas, foi como se desistisse de mim. Mais uma vez, talvez eu tenha desistido das ideias pré-estabelecidas do que gostariam que eu dançasse. Naquele instante eu me perguntava: O que você quer dançar, Ândrea? E respondia: O amor, a fraqueza. E isso no momento não se relacionava com a movimentação do jazz, e as experiências que já tinha tido com este gênero de dança.

Eu estava em plena transformação, tudo ao meu redor parecia se modificar. Eu estava amando. Não sei se era meu primeiro amor, mas foi o único. Este amor estava em mim até quando eu não percebia, eu o carregava a cada movimento. Além de estar apaixonada e completamente entregue a um novo momento, me percebia em crise. Eu nunca havia me interessado por uma pessoa com a qual eu poderia olhar no espelho e me enxergar, essa pessoa era uma mulher, era uma flor, era uma rosa, era a minha inspiração, e além de ser o meu amor era minha melhor amiga, era minha cúmplice, era minha dupla, era minha colega, era minha dança, era eu. Era também a melodia para meu corpo se mover, era meu movimento, era o que eu tinha e não tinha, e também era meu para sempre. Aprendi com este amor passageiro, mas eterno, que eu jamais deveria desistir daquilo que me encantasse e me fosse verdadeiro, aprendi a desaprender, aprendi a me vestir, a não me reconhecer, e talvez isso tenha sido a coisa mais bonita.

Talvez eu nunca saiba o que é o amor, mas uma coisa aprendi com ele, a poder movimentá-lo, e isso gerou transformações na minha concepção de mundo, pois até meus olhos se movimentaram. Eu não precisava esperar chegar à noite para perceber o brilho da lua, eu me acompanhava de grandes estrelas.

Quando percebi o quanto e como eu estava diferente, estas mesmas autoras femininas que cito anteriormente deram ainda mais subsídio para minha pesquisa que estava cheia de “Adélias, Clarices, Marthas e Cecílias”. Acredito que essa força feminina sempre foi recorrente nos meus trabalhos, essa cena que se tornava aquecida por urgências, por dores e amores, por todas as coisas que me inspiravam e inspiram a minha pele vermelha.

Com o tempo enxerguei meu amor para além do espelho, e este amor já não assustava tanto. Assim como me permiti uma nova movimentação, me permiti amar este amor, a estranheza abriu espaços para outro lugar, e este lugar eu chamo cena. Nessa cena estávamos eu e esse amor, essa rosa, essa flor, esse amor que também poderia se chamar transformação.

Com a continuidade da disciplina escolhemos imagens e cores para motivar o processo. As imagens que escolhi já falavam um pouco sobre a minha cor, sentia cheiro de pétalas de rosas, embora meu corpo às vezes sentisse as folhas secas. Sensações... Eram milhares de sensações. O vermelho me perseguia em sonhos, estava nos meus lábios com um batom forte, estava nas pontas dos meus cabelos, estava na repetição e exaustão dos meus movimentos, estava comigo. Minha pele estava marcada com esta cor, minhas roupas estavam com este tom, e o inverno que se aproximava parecia avermelhado.



Figura 1- "Imagem presente"

Fonte: (n/e)

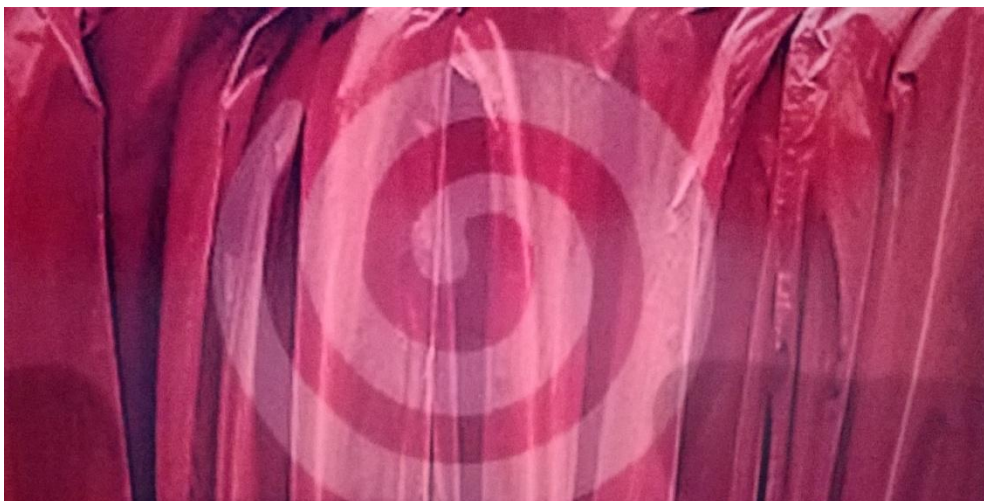


Figura 2- A cortina vermelha

Fonte: (n/e)

Apresento agora algumas das principais imagens que me inspiraram no processo de composição, sendo a primeira imagem presente de uma das colegas da disciplina em uma das aulas que fizemos duplas e compartilhamos sugestões para os trabalhos.

Após a escolha de imagens que inspirassem, leituras, frases e também cores, escolhemos o título do trabalho. Em meio a tantas escritas com o corpo e tantas noites pensando nesse trabalho, que me fazia criar nas madrugadas, eu escolhi: 'Memórias da Pele' como título.

Eu estava sendo mais que sincera na minha escolha, pois como já dito eu me sentia escrita, minha pele trocava de cor, meu corpo se aquecia e esfriava, tudo parecia dúbio, ainda que houvesse sutileza. Quando escolhi como título 'Memórias da Pele', escolhi também dançar uma saudade que estava tatuada em mim, não posso delinear essa falta, mas não tinha como não dançá-la, ela me perseguia e eu



Figura 3- O vento na pele
Fonte: (n/e)

estava atrelada a ela. Repetia-se, retornava, me buscava, mas nunca era igual, assim como meus movimentos.

Como figurino decidi por uma colan de renda vermelha, que a meu ver trazia a aparência de algo visceral, de pele e também de carne. Como trilha musical preferi dançar no silêncio, estava em silêncio e me entendia com ele. A cada aula que apresentávamos o processo novamente, eu aumentava a coreografia, tinha essa necessidade e também a modificava bastante. Estava sempre assim, eu e as memórias, eu e minha pele. Muitos avessos poéticos.

Meu desenho coreográfico seguiu na diagonal, inspirado também pelos desenhos coreográficos que estudávamos das figuras de Laban (FERNANDES,2006) e mantive os cabelos vermelhos no rosto. Meu solo se manteve bem extenso, como se fosse um livro de histórias, cada movimento correspondia a uma palavra, que se poderia separar em sílabas. Início, meio e fim. A composição estava inspirada nas obras de Pina Bausch, coreógrafa da qual decidi assistir muitos vídeos na época e também ler sobre. Recordo-me de ter lido essa citação no livro de Ciane Fernandes, que são questões para a peça Nelken de Pina Bausch, questões que servem de recurso metodológico para coreografar.

“Algo a respeito de seu primeiro amor”.

“Como você, quando criança, imaginava o amor? “

“Duas sentenças a respeito de amor”

“Como você imagina o amor?”

“Quando alguém lhe obriga a amar, como você reage então?”

“Palavra chave: Ame seu irmão como a si mesmo.”

“Uma vez mais, uma pequena contribuição para o Tema de Amor.”

Questões e tarefas de ensaio para Nelken(PINA *apud* FERNANDES, 2007:45).

Era o amor que eu dançava, em meio a tantas memórias. Um novo trabalho, que também relembrava minha infância e fazia sentir o vento nos meus cabelos, tudo estava dançável e tudo muito verdadeiro. Além de mim, todos os colegas estavam entregues à proposta. A urgência movimentava os solos e a turma em geral colaborava com ideias e sugestões. Era divertido, meu corpo podia ir, eu passeava sobre mim e me sentia feliz com ele.

Nós estudávamos juntos as questões de movimentos e trajetórias de movimento, e reparamos todos que, como nos movíamos estava atrelado com nossa forma de pintar um papel, de escolher uma música, de escrever de caneta ou lápis, bem como do que escrever. Quando nos aproximamos de apresentar a coreografia, estávamos muito nervosos, todos nós criamos certa expectativa sobre nossos trabalhos, e gostaríamos de dividir este entusiasmo e emoção com os outros alunos do curso.

Eu sempre tive essa preocupação do que os outros esperavam de mim, acredito que carrego isso desde muito pequena, pelo fato de que, desde que meus pais me levaram naquela primeira aula de dança, eu os escutava dizendo que já que a minha irmã não escolheu a dança, eu escolheria. E sim, eu escolhi me mover. Mas a única coisa que me perguntava é se estes meus novos movimentos seriam os que meus pais gostariam de ver. Sempre me cobrei muito, mas me cobrava ouvindo a voz dos outros. Agora era hora de ouvir o meu sussurro, ainda que a minha voz estivesse baixa eu me escutava, e também transbordava.

Um dia antes da apresentação resolvi mostrar a coreografia para a minha mãe, arrastei os móveis da sala, a sala da minha infância. Meu pai não estava junto nesse dia para colocar a música para mim. Não era um momento descontraído, ao contrário, eu estava nervosa, pensando o que minha mãe diria. E então dancei nesse espaço pequeno. Meu movimento reagiu bem, eu me senti bem, sempre gostei de dançar para minha mãe, recordei das apresentações de quando era mais nova. O brilho dos olhos da minha mãe eram os aplausos mais lindos.

Mas nesse dia quando terminei minha mãe tocou as minhas mãos que estavam trêmulas e disse: “Bom, Ândrea, sempre vi você cheia de plumas e paetês, sempre muito maquiada, com figurinos claros, sapatilha nos pés, o cabelo quase sempre o mais preso possível, era uma hora para preparar seus cabelos, e desde muito nova reclamava dos grampos. Hoje vi seus cabelos soltos, livres, e vi seu corpo amando. Não estou entendendo o que você dança, mas você está sentindo. Me orgulho de você, filha, não era isso que escolhi para ti, mas aplaudo por que tu

escolheste”. Foi bom. E isso me fez perceber que eu estava me escutando, e que isso não mudaria ou diminuiria o amor da minha mãe por mim, ainda que ela não entendesse as minhas escolhas, e a minha dança.

No dia da apresentação, uma noite de quinta-feira, éramos nove alunos. Fizemos um sorteio e eu a quarta a apresentar o solo. Era uma noite muito bonita, e além de estar comigo, estava ali com meu amor. Só posso dizer que teve amor, foi para sempre. Nesse dia eu nada tinha e tudo dançava.

Todos nós dançamos muito e nossos corpos falavam. A professora Alexandra Dias, respeitou cada devido instante e muitas vezes, se não em todas, se emocionou com nossas questões. A disciplina marcou a minha trajetória e ao escolher fazer um trabalho de conclusão de curso autobiográfico tive como maior inspiração toda minha andança no curso, mas principalmente o processo do solo ‘Memórias da Pele’. O solo teve continuidade no



Projeto de Extensão Coreolab, com direção da

Figura 4- Solo Memórias da Pele
Fonte: Fotografia Anderson Mateus

mesma professora. Com esta experiência eu pude dançar em lugares abertos como praças, calçadas, e também viajei para dançar em uma escola municipal. Nessa ocasião eu percebi que não existia a cena, eu era a cena, e toda a poesia enfeitava meu corpo e a rua. Este trabalho teve seguimento por mais dois anos, e continuo com inspirações femininas de Pina Bausch, Clarice Lispector, Lygia Clark, Elis Regina, também do Grupo Quasar, entre outras motivações. O processo sempre foi efêmero e se adaptava aos espaços nos quais foi apresentado.



Figura 5- Solo Memórias da Pele (imagem 2)

Fonte: Fotografia Anderson Mateus

Repensar este trabalho foi como desorganizar e organizar uma mala. Quando vamos viajar sempre enchemos de roupas e por vezes reparamos que não utilizaremos nem a metade delas. Acredito que no processo de Composição, ou seja, no processo de mim, existiram dias em que eu estava cheia e outros dias eu estava vazia. Percebo que tive dificuldade de remexer em mim, tive grande dificuldade de trazer certos momentos que vivi nesse período, e como sabemos existem situações em que a garganta parece dar nó, os lábios parecem não querer dizer, e ainda assim sentimos.



Figura 6- Memórias da Pele na praça
Fonte: Fotografia Eduardo Iribarrem

Passei muitos
sem dormir, e

dias

procurei caminhar e passar pela mesma árvore que passeava e me sentava próxima durante o processo da composição. Desta vez o sentimento foi diferente, talvez meu corpo ainda fale de amor, a árvore ainda se encontra no mesmo espaço, mas foi diferente. Eu ainda custo a pegar no sono quando estou entregue a um trabalho, e



Figura 7- Memórias na Pele na Praça (imagem 2)
Fonte: Eduardo Iribarrem

eu ainda danço o amor e a fraqueza que alguns instantes tatuaram em mim.

Termino este capítulo escrevendo que realmente existem coisas inexplicáveis. Assim como esta mesma ocasião, não pretendo encerrar, eu poderia escrever sobre o capítulo por toda minha vida, mas eu escolhi viver mais para ver, e dançar.

Minha cena não é a mesma, nem eu, mas as minhas tatuagens estão aqui na minha pele, não para provar algo, mas para mim mais uma vez entender o que uma das pessoas mais especiais na minha trajetória de dança me disse, essa pessoa é a rosa que descrevo mais inicialmente. Ela me falou assim: Faça

escolhas, mas escolha com amor. Eu escolhi, e existem coisas que mesmo que não tenhamos, permanecem em nós. Quais são as escolhas? O que me transformou após este trabalho? Agora posso dizer que não sei se encerro com ponto, ou reticências, então vou me debruçar sobre a exclamação!

Terminar é o mais difícil de tudo, mas, mesmo assim, é a desistência que proporciona a única experiência verdadeira de liberdade. Então, o fim torna-se mais uma vez um começo, e a vida tem a última palavra.(BROOK *apud* MILLER,2012:1)

4.2 Como seria se não fosse...

Nesse capítulo começo a dançar o meu trabalho solo. Como já escrevo e desejo desde o meu pré-projeto de trabalho de conclusão de curso, não vejo minha escrita dissociada do movimento, e então não percebia este trabalho de conclusão de curso sem uma prática. E foi isso que fiz. É isso que venho fazendo, escrevendo, criando, experimentando dançando.

Uma tarde de ensaios, a sala de dança e eu. As cadeiras pareciam estar movimentadas, o sol fazia luz no chão da mesma sala. Sentia falta de algumas janelas abertas. Abri a porta, fechei. De certa forma é difícil reescrever aqui tal sensação, mas ao escutar as teclas do meu computador, e o toque suave das minhas digitais posso recordar dessa sala, essas cadeiras, o sol, o ambiente e eu.

Talvez eu goste mesmo de ficar comigo, às vezes necessito ficar só. Converso comigo, mas nem sempre me dou ouvidos, percebo e respeito meus agitos e minha quietude. Sempre há espaços. E normalmente meus 'Ensaios do que não digo' que foi como nomeei o trabalho solo no início dos ensaios eram assim, eu precisava de início sentir o ambiente, e a sala parecia por vezes ter outro formato, outras cores, dependendo do dia ela parecia até ter janelas arejadas, e uma cortina leve, mas na verdade essa cortina estava comigo, na sensação de ser movimento. Não sei se leve, nem sei se de forma arejada, mas estava ali, e eu podia visualizá-la internamente.

Ensaio normalmente três vezes por semana, um dia em minha casa, no qual arredo os móveis e faço meu espaço. Lá é sempre diferente, na minha casa sinto-me acolhida, sinto meu cheiro, e na parede da minha sala me vejo, uma memória bela, ali estão as minhas fotos. Revisito minha trajetória, e danço. Os outros dias ensaio na sala da universidade descrita no início desse capítulo.

Como já também escrevi, reescrevo, rabisco, pontuo, exclamo, interrogo nos capítulos anteriores, o início desse trabalho solo foi bem confuso, e acredito que todo início assim é. Eu não procurei algo exatamente, mas me atentei a me observar e sempre perceber o que me gerava enquanto sensação, essa etapa da minha graduação, e como eu me comportava com isso. Reconto na minha escrita que a universidade, e as práticas com as quais eu tive experiências, modificaram a minha corporeidade, no momento e no movimento que me fizeram modificar o modo de ser/estar.

Minha primeira etapa então foi ser instigada pela minha orientadora, a sentar e fechar os olhos, e rapidamente dizer o que eu visualizava, sem pensar muito, deixar fluir. Quando abri os olhos, com rapidez respondi: Vejo a imagem de uma gaveta entreaberta com um pano leve que quer sair, correr, voar, procurar outros espaços. Eu disse a minha orientadora que nesse instante era isso que meu corpo queria, queria ser este pano, e sair dessa gaveta, queria abrir ela, queria fazer escolhas. Minha orientadora, após assistir o primeiro ensaio me disse que essa gaveta não estava nem entreaberta e que eu devia achar inspirações no que já tinha para abri-la.

Então pensante, fiquei muito pensante. Será que precisava de uma chave para abrir minha gaveta? Mas percebi que normalmente eu dançava o amor, os sentimentos urgentes, a pele, eu e outra pessoa. Na verdade acredito que

dançamos tudo que está em nosso entorno, pois movimentamos com o que nos relacionamos.

Logo, a segunda etapa foi assim: A minha primeira imagem foi do bicho da obra de Lygia Clark. Eu estava na sala de dança, e como já havia lido sobre as obras dela, e principalmente sobre o bicho, comecei também a estabelecer relações com as figuras de Laban. Me percebi nesse momento com o corpo posicionado nos quatro apoios, no qual eu poderia parecer também uma cadeira, ou mesa de apoiar-se.

Em um segundo momento dessa mesma etapa, pensei em me manter na diagonal, que é um desenho bastante recorrente no meu trabalho, e então cogitei me movimentar de maneiras diferentes que não fossem apenas em pé, ou com o equilíbrio na planta do pé e o corpo erguido. Então surgiram os meus problemas de movimento que foram: Cotovelo ponta do pé, joelho punho, quadril cabeça. A partir dessas questões de movimento, me interessei por formas e torções com o corpo, e de forma eu me deslocaria a partir desses problemas de movimentos, com diferentes apoios.

No próximo ensaio me apresentei novamente para minha orientadora, com música e sem música. Eu escolhi sem, estava prestando atenção nessa ideia inicial que surgia. Então mais uma vez escutei minha orientadora dizer após o ensaio: “Ândrea, o que está acontecendo, te senti mais solta hoje, mas ainda está na gaveta este pano. O que te aflige? Algum problema, ou medo...” Então em um pensamento rápido falei: Não quero fazer o que os outros já esperam de mim, ou o que já falam sobre o meu trabalho. Não quero as mesmas características de dramaturgia de cena, não quero as mesmas cores. Eu já não sou quem era antes. Eu já não danço o que dançava.

Minha orientadora disse que talvez eu mesma dissesse essas coisas sobre mim, talvez eu esperasse o que pensava que os outros estavam esperando. Ela me disse para fazer uma lista das vozes dos outros, o que eu ouvia sobre mim, sobre o meu trabalho. Fiz então a minha lista: O que eu digo para mim mesma...

- Lá veem a Ândrea de vermelho!
- É sempre na diagonal que começa.
- Por que os cabelos no rosto?
- Os movimentos se repetem...
- A Ândrea não é mais bailarina, é performer.
- A Ândrea é sempre a principal!
- Ela sempre interpreta coisas muito sensuais.

- Sempre com questões muito femininas...
- Por que as músicas brasileiras?
- Por que o solo dela em Composição Coreográfica I era o maior?

A partir dessas vozes que eu dizia para mim, pude perceber que era a minha hora de decidir. Se eu sei que sempre será diferente, qual problema seria eu repetir o vermelho, dançar na diagonal, deixar meus cabelos no rosto? Pois tudo isso me constitui e marca a minha cena.

Nos próximos ensaios trabalhamos em cima dessas questões, e minha orientadora foi questionando o que dessas perguntas ficariam. Eu decidi que dessa vez eu gostaria de me desafiar, não pelos outros, mas por mim. Acredito que isso faz bem para o artista, se estranhar, se desorganizar, se permitir. E escolhi isso para minha vida.

Minhas escolhas foram a de permanecer com a diagonal no meu novo trabalho, meus cabelos também farão parte da minha movimentação, mas não estarão todo tempo no rosto. O amor que vivi em Composição I, continua na minha pele, mas não estarei dançando este amor em específico. Meus figurinos não são vermelhos. A trilha musical se debruça sobre músicas instrumentais. E eu ainda não havia decidido o título dessa obra minha, minha obra, eu.

Nos próximos ensaios pude me perceber melhor. Minha gaveta estava aberta e o pano começava de forma poética a se abrir, meu corpo estava se abrindo. Minha casa/corpo estava em ordem, o sol batia, e as cortinas deixavam o ambiente arejado. Tudo estava bom. Tinha muito desafios a cada ensaio e novo experimento.

Descrevo nesse momento os passos das minhas escolhas que serão apresentadas no dia 10 de julho, na apresentação desse trabalho: Como já dito, escolho me mover de forma que me utilizo com mais proximidade do plano médio e chão. Meus problemas de movimento começam em uma diagonal onde trabalho de forma indireta contida e desacelerada, baseada nas teorias de Laban, onde também trago uma análise de movimento para este novo trabalho solo. No segundo momento trabalho de forma indireta e acelerada, com movimentos fortes e diretos. No terceiro, trabalho de forma leve e fluida, com a movimentação desacelerada. No último momento me posiciono no plano alto e trabalho com fluxo livre e indireto.

O trabalho discorre de aproximadamente trinta minutos. Eu convido o espectador a mover-se também comigo, de forma que as cadeiras estarão distribuídas de diversas formas no ambiente, pois no momento que eu escrevo que o espaço nos modifica, eu escolhi modificar vocês espectadores ao me assistir dançando, e talvez a também se desacomodarem com essa dança. Como trilha musical me utilizo de músicas do filme 'Fale com ela', do diretor Pedro Almodóvar,

com momentos mais leves e outros mais fortes, também instantes onde o corpo se torna melodia, e outros onde a melodia foge do corpo.

Como figurino, utilizo de cores como amarelo, por ser uma cor que me causa estranheza. Para começar o trabalho com um figurino que não mostra nenhuma parte do meu corpo, estarei coberta, e após, escolho por utilizar apenas partes de roupas em instantes, como uma saia em tons de azul e branco, e um sapato alto também de cor amarelada. O figurino aparecerá em alguns instantes e em outros momentos será a minha própria pele.

Meu cenário são as cadeiras desorganizadas, o espectador, e eu. Não me utilizarei de nada mais também em função do pouco tempo para realização do trabalho e de poucos recursos viáveis para projeção de mais ideias. Minha luz se utilizará de cores como palha, azul e uma luz branda, de forma que o ambiente se torne meu corpo em reflexos contínuos.

O trabalho além de grandes inspirações na obra de Lygia Clark teve inspirações nos poemas de Clarice Lispector, nos filmes de Almodóvar, nas conversas com minha orientadora, nas leituras sugeridas, nos filmes que vi, nos dias de sol que saí para passear, nas pessoas que estiveram comigo nesse período, nas releituras do meu diário de processo de Ação e Movimento I, de Composição Coreográfica I, e de TCC I. E minha maior inspiração é a minha vida, minha trajetória dançante, e o período da minha primeira e inesquecível graduação.

Falo, percebo, me debruço e danço essa transformação, essa diferença, essa urgência, esse novo momento, esse capítulo, essa conquista, tudo isso tem sido de extrema e imensa inspiração para mim. Digo que me sinto intensa e extensa, e o mais interessante incompleta, pois é isso que nós seres humanos somos, incompletos, sempre na busca de algo, a procura de algo, sempre nos revisitando, nos alterando, e em meu caso sempre dançando e jamais negando isso. Movo-me pelo que escolho e com o que sou.

Nunca é como o que aconteceu realmente, sempre se transforma, muitas e muitas vezes, em uma coisa que acaba pertencendo a nós todos. Se alguma coisa é verdade em uma pessoa, e ela conta algo sobre seus sentimentos, acho que nós acabamos reconhecendo o sentimento, não é uma história privada. Falamos de uma coisa que nós todos temos. Todos reconhecemos esses sentimentos e os temos em conjunto. (BAUSCH *apud* FERNANDES, 2007:55)

No decorrer dos meus ensaios comecei a escutar a mim mesma, e observar por onde tinha desejo de pisar, o que eu Ândrea gostaria de dançar, o que eu faria com essa gaveta, e então ela foi se abrindo de forma suave, como se eu estivesse sussurrando e tateando espaços em mim mesma, sem invadi-los.

O olho do artista deveria estar sempre voltado para a sua vida íntima, e seu ouvido sempre alerta á voz da necessidade interior. É o único meio para dar expressão ao o que a visão mística comanda. (KANDINSKY *apud* MAURÍCIO, 2005)

Em um dia sozinha na sala de ensaios, percebi que se aproximava a data de apresentar este trabalho. Muito além de um trabalho, me repito dizendo que é um processo de mim, um desejo, uma parte total do que eu tenho sido, do que tenho escrito, e do que danço. Questionei-me em silêncio, como eu chamaria? Não que isso o defina, mas é como olhar para algo e não saber o que dizer. Eu não quero que as pessoas o digam, nesse momento eu escolhi dizer, e então minutos depois olhei para o chão da sala e me perguntei: Que cor seria este tablado se não fosse de madeira? Como seria? E em 3..2..1, falei em voz baixa: Como seria, se não fosse? E após este questionamento abri um largo e imenso sorriso, eu achei o que queria, ainda que podendo ser movediço, e então escrevi: Como seria se não fosse...

Como seria se eu não estivesse escolhido à dança;

Como seria se não tivesse escolhido o curso de Dança – Licenciatura para ser minha primeira graduação;

Como seria se eu não estivesse continuado morando na cidade de Pelotas;

Como seria se eu não tivesse persistido no curso, mesmo com tantos contratempos por vezes;

Como seria se eu não tivesse sido entregue a cada novo desafio;

Como seria se eu não tivesse dançado;

Como seria se eu não me escutasse,

Como seria se eu não acreditasse que o acaso rouba a cena;

Como seria se eu não tivesse acreditado em para “sempres” e para “nuncas”;

Como seria se não se repetisse;

Como seria se fosse igual (nunca será)!

Como seria se minhas certezas não tivessem se tornado dúvidas;

Como seria se eu não quisesse sentir a sensação da neve, mesmo sabendo que não tenho apreço pelo inverno;

Como seria se não estivesse escolhido chorar muitas vezes;

Como seria se não estive escolhido falar/dançar sobre mim nesse trabalho de conclusão de curso;

Como seria se eu não escrevesse, pois provavelmente eu não dançaria;

Como seria se eu não entendesse meu corpo como minha primeira casa;

Como seria se eu não tivesse amado, e sigo amando;

Como seria se eu não fosse eu;

Como seria se não fosse;

E se eu ficasse... Como seria...?

Acho que todos os dias me questiono isso: Como seria...

No início somos com o todo. No fim voltamos ao todo.

Percorremos um caminho entre o início e o retorno que nos parece a parte desse processo de começar e retornar. E, é um momento de retirada, sim, mas para aprender a retornar com a consciência do retorno. (MAURÍCIO, 2005:67)

Como seria se não fosse... Para que a cena diga o que minhas digitais não sabem mais dizer, mas ainda assim eu sigo dizendo que: “Dançar é uma forma de amar” (Pina Bausch), e eu desejo estranheza no amor, e amor nas novas descobertas.

5. Considerações Finais – As considerações sem um intuito de concluir, façamos um novo começo.

Para a conclusão do que eu chamo de novo começo precisei de muitos dias, muitas noites acordadas, muitos avessos poéticos como costume chamar estes momentos.

Conversei com muitas pessoas sobre a dificuldade que tenho de fechar gavetas, encerrar ciclos, esquecer, fazer de novo, e sempre de novo, e sempre diferente. Tenho apego por tudo que me desloca, mas penso que este trabalho não terminou, estou bordando ainda uma coberta, cheia de retalhos, estou tirando as meias da gaveta, estou abrindo as janelas, estou escancarando a porta, estou tocando as paredes, estou investigando a cor das cortinas, estou conversando com o vento, estou comigo, e também sem mim. Estou observando e acariciando esse nova etapa, este outro ciclo.

Quando escrevo sobre essa casa/corpo e essa cidade/universidade, percebo o quanto viajei durante este percurso acadêmico, e como fiz voltas, voltas pelo mundo, voltas no que não digo, voltas em mim mesma. Tudo se transformou tudo está tão mais belo que se torna difícil escrever, também será difícil dançar, mas eu escolhi ser assim dançado, e eu não me arrependo de nada.

Tenho quase certeza, em meio as minhas dúvidas que se tivessem mais alguns dias eu bagunçaria ainda mais essas palavras, essa escrita esse corpo. Espero que este trabalho seja de bastante poesia para quem ler, que o leitor possa se revisitar repensar, e também me sugerir mais avessos poéticos. Espero que os alunos do Curso de Dança, e não apenas estes alunos, mas de outros cursos possam de alguma maneira se mover comigo. Eu estarei feliz!

Após dançar, “Como seria se não fosse...” já estarei sendo outra pessoa, trocando de espaço, de casa, de lar, de pele, e então deixarei essa casa/corpo de alguma forma e darei espaço também para outra cidade/universidade.

Com o termino da minha graduação irei trocar de cidade, pretendo dar continuidade nesse trabalho escrito e prático, e fazer um mestrado na área de processos de si mesmo, investigações por nossos desejos, algo também relacionado à memória, e as questões femininas que sempre carrego em meus trabalhos. Pretendo seguir minha carreira como bailarina/performer/atriz, e viajar bastante, conhecer outro mundo, outras pessoas, outras culturas, e sendo assim, outros movimentos.

Penso também que sempre estarei me relacionando com a parte pedagógica da dança, pois sempre que me propor aprender estarei ensinado, o mundo é isso essa eterna troca de vivências, esse experimento, este processo.

Somos o processo de um produto inacabado. Somos o ontem de um hoje bordado de poesia. Somos fluxo. Somos movimento. Somos o silêncio gritado. Somos a poesia borrada. Somos a folha em branco. Somos a pele vermelha. Somos a alma.

Somos incompletos. Somos nós. Somos o meio. Somos a mentira. Somos a verdade. Somos escolhas. Somos amor.

Este trabalho que encerro pelo meio me fez perceber que eu posso ser o que eu escolher para mim, mas que sempre estarei incompleta, e que estar nesse estado de incompletude é bom. Eu desejo á todos amor e dança, e desejo percepções. Nós somos o nosso primeiro lar, que possamos sempre bagunçar esses moveis da casa/corpo, mas que jamais esqueçamos que é a partir deles que nos constituímos.

Como derrubar prédios, sem ates serem construídos?

Deixo este questionamento, mesmo sabendo que nas considerações finais temos como objetivo concluir o trabalho, e percebo que todas as vezes que reformei minha casa/corpo abri mais espaços para maiores reflexões sobre mim e sobre a minha prática. Penso que quando trabalho como professora construo outro prédio que é diferente de quando trabalho como bailarina, mas o mais importante é pensar que devemos aprender a desaprender, e assim aprenderemos com o outro. Percebo que como a casa precisa de mudanças, o corpo necessita mudar, e que não deixaremos de ser nós, mas iremos abrir mais espaços para circularmos entre o eu de agora e o eu de amanhã.

“Como as disciplinas de Ação e Movimento I e Composição Coreográfica I movimentam as minhas práticas artísticas no Curso de Dança Licenciatura UFPEL?”

Para responder tal questionamento, que foi introdutório para a minha pesquisa, percebo que o Curso de Dança gerou me gerou inquietudes inicialmente, e me fez revisitar um dos momentos mais belos da minha vida que foi a infância, e o que chamo de primeiros movimentos, senti falta daquela criança livre, desprovida de rótulos, daquela bagunça na sala da minha casa, da desordem organizada dos moveis, de escutar musicas do lado do meu pai, e muitas vezes não seguir aquela melodia, de perceber os aplausos da minha mãe sem eu estar em cena. A dança já estava presente em uma simples brincadeira de desorganizar e organizar a sala da minha casa. Talvez meu cenário fosse a janela que eu jogava as pontas dos meus cabelos, e talvez minha platéia fosse o sol muitas vezes.

O curso transformou minha movimentação quando fez eu revisitar este espaço da minha infância, e me fez olhar para meu corpo como uma obra inacabada, como um prédio em reforma, como um processo.

Aprendi a cada disciplina a fazer relações com a minha vida, e pude notar o quanto somos várias pessoas, somos o ambiente com o qual nos relacionamos, somos as memórias, e somos muitos.

Antes de me formar aluna do Curso de Dança, sou uma pessoa, que irá conhecer outras pessoas, e irá visitar outras casas e tudo que aprendi com o curso estará eternamente colorindo as paredes da minha casa corpo.

Agora me despeço dessas escritas um pouco cansada, um pouco repetitiva, um pouco ansiosa, bastante feliz por ter conseguido realizar um trabalho que fala também sobre mim, e sobre as pessoas que me ajudaram a construir minha casa/corpo, e deixo aqui que nós só somos algo quando nos relacionamos com outro algo. Somos infinitas relações, e então reflito que este trabalho não é apenas a minha história/trajetória, mas sim o que eu fiz dela a partir do que aprendi com cada visitante que bateu a porta do meu corpo.

Sejam sempre bem vindos!

Referências Bibliográficas.

BERTHERAT, Trérèse. 1931- **O corpo tem suas razões: antiginástica e consciência de si/** com colaboração de Carol Bernstein; tradução Estela dos Santos Abreu. -21 edição.- São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010

CALDEIRA, Solange. **A construção poética de Pina Bausch.** Disponível em: http://www.poiesis.uff.br/PDF/poiesis16/Poiesis_16_ART_PinaBausch.pdf Acesso em 20 jun. 2014, às 18:00:14

CATTANI, IcleiaBorsa. **Arte Contemporânea: o lugar da pesquisa.**In: BRITES, Blanca. TESSLER, Elida (Orgs.). O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2012.

DIAS, Alexandra Gonçalves. **Performance - me! O processo de si pelo movimento dos desejos.** 2009. 164f. Dissertação (Mestrado em Processos de Criação)- Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FERNANDES, Ciane. **O corpo em movimento: o sistema Laban/ Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas.** 2 edição – São Paulo: Annablume,2006

FERNANDES, Ciane. **Pina Bausch e o Wuppertal dança- teatro: repetição e transformação.**/ Ciane Fernandes.- São Paulo: Annablume, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de Vida e Formação.** Prefácio escrito por Antônio Nóvoa. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

JUSTINO, M. **Lygia Clark, a vivência dos paradoxos.** In: Cultura Visual, n. 15, maio/2011, Salvador: EDUFBA, p. 95-114

LANCRI, Jean. **Modestas proposições sobre as condições de uma pesquisa em artes plásticas na universidade.**O meio como ponto zero Brites, Blanca; TESSLER, Elida (organizadoras) p. 17-33, 2002.

LOBO, Lenora; NAVAS, Cássia. **Arte da Composição: Teatro do Movimento.** – Brasília: LGE Editora, 2008.

MAURÍCIO, Flávia. **Memórias: diário de um processo de criação/** - Brasília: Fundo da Arte e da cultura, 2005. 112 p. ; il. 18 cm

MEDEIROS, Martha. **Cartas extraviadas e outros poemas/** Martha Medeiros – Porto Alegre , RS: L&PM, 2011.

MILLER, Jussara. **Qual o corpo que dança? : dança e educação somática para adultos e crianças.** – São Paulo: EditoraSummus 2012.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **Um apanhado Teórico-Conceitual sobre a Pesquisa Qualitativa:** Tipos, Técnicas e Características. Projeto Saber- Vol. 2, No 3, 2008. <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122> acessado em 27/0314

PEREIRA, Sayonna. **Rastros do Tanztheater no Processo Criativo de ES-BOÇO:** Espetáculo cênico com alunos do Instituto de Artes da UNICAMP. – São Paulo: Annablume, 2010.

RENGEL, Lenira. **Os temas de movimento de Rudolf Laban (I – II – III – IV – V – VI – VII – VIII): modos de aplicação e referências.** – São Paulo: Annablume, 2008. (Cadernos de corpo e dança).

VIANNA, Klauss. **A dança / Klauss Vianna;** em colaboração com Marco Antonio de Carvalho. – 6. Ed. – São Paulo: Summus, 2005.

APÊNDICES:

APÊNDICE I

Primeiro apêndice Análise do vídeo da Coreográfica Malemolência (2009 á 2011)

Obra sob Observação: Ândrea Rodrigues. Solo no gênero de dança Jazz.

Coreografia: Malemolência. Coreografa: Márcia Loureiro.

Observadores: Ândrea Rodrigues e Luana Arrieche

Data:25/04/2014.

Impressão Geral: O solo com o título Malemolência foi dançado nessa análise de vídeo no Festival de Dança , Bento em Dança 2009, na categoria Jazz Avançado, o espaço utilizado é de palco italiano. A movimentação é fluida, e se mantém de forma acelerada com movimentos indiretos que evidenciam os membros superiores, e a oposição de níveis alto, médio e baixo. Mesmo com alterações de velocidade a bailarina não perde o fluxo, e por vezes utiliza-se de pequenas pausas em cena, nas quais a movimentação se apresenta mais direta e pontuada. Em cena se encontram, a luz, a bailarina e a música Malemolência da cantora brasileira Céu, em nenhum momento ela se dispõe de elementos cênicos. A bailarina em cena se utiliza de uma expressão brejeira e com um certo charme de menina

Corpo: Os movimentos tem ênfase maior nos membros superiores, onde o quadril e o tronco direcionam o movimento, e as quedas e trocas de plano alto para o plano baixo. O corpo segue em um movimento fluido e contínuo, e o corpo por vezes se utiliza de pausas e poses. A organização corporal se mantém nas diagonais do palco italiano, e por vezes a bailarina se utiliza do centro do palco, mas o corpo inicia e termina nas diagonais. A cinesfera é ampliada, e o eixo corporal troca nuances de equilíbrio e troca também o peso do quadril para manter o eixo. As conexões ósseas controlam o equilíbrio, e o suporte muscular é interna e externo.

Expressividade: A maior parte esta na movimentação de tronco e na soltura de movimentos com a cabeça. O corpo se mantém de forma descontraída.

Forma: Modifica-se do plano alto para o baixo com frequência.

Espaço: Cinesfera ampliada com ênfase nas diagonais, passando por todos os planos e se mantém em cena das laterais do palco e diagonal. (Icosaedro)

Tendências Associadas das 4 Categorias.

APÊNDICE II

Obra sob Observação: Ândrea Rodrigues. Solo no gênero de dança Contemporânea. Coreografia: Como seria se não fosse... Coreografa: Ândrea Rodrigues. Direção: Alexandra Dias.

Observadores: Ândrea Rodrigues e Luana Arrieche.

Data: 25/06/2024

Impressão Geral: O solo foi ensaiado na sala de dança Lita, do Curso de Dança – Licenciatura UFPel, e está sendo criado para o trabalho de conclusão de curso. A bailarina se desloca pelo espaço que será organizado com cadeiras em toda a parte do tablado que será o espaço onde será realizada a apresentação. O solo está sendo ensaiado de dezembro até início de julho que será a apresentação. O corpo se movimenta com maneiras diferentes de se deslocar no espaço que não sejam apenas com o apoio da planta dos pés no chão. O título da obra é: “Como seria se não fosse...”

Corpo: Os movimentos tem maior ênfase nos problemas de movimento que são cotovelo, ponta de pé, calcanhar, punho, cabeça, joelho. A utilização se dá com uma cinesfera ampliada, na qual a parte mais evidente da obra utiliza-se de uma diagonal. A obra apresenta momentos com o fluxo contínuo desacelerados, outros momentos fluxo livre e acelerado, e a movimentação tem mais ênfase no plano médio, no qual a utilização do tronco é praticamente sempre para baixo, poucas vezes se observa o rosto da bailarina.

Expressividade: A maior parte está na movimentação do tronco, com ênfase nas escapulas, na cabeça, nos punhos, cotovelos, joelho.

Forma: Modifica-se do médio para o plano baixo com frequência.

Espaço: Cinesfera ampliada com ênfase nas diagonais, passando por todos os planos, mas se mantém praticamente no plano médio, e utiliza-se das laterais do palco e diagonal. (Icosaedro)

Tendências Associadas das 4 Categorias.

ESTÚDIO

UNIDANÇA.

Disponível

em

:<http://www.youtube.com/watch?v=mn1xOfGiTs>

Acesso em: 18 de jul. 2014, às 15:14:17.